

CINCO  
ANOS  
DE  
FRANCESAS  
NA  
PRAIA

FESTIVAL VARILUX  
DE  
CINEMA FRANCÊS  
EM SANTOS

2015 > 2019

CARLOS CIRNE

Cinco Anos  
de Franceses  
na Praia

Festival Varilux de  
Cinema Francês  
em Santos

Carlos Cirne

## **Os Franceses na Praia**

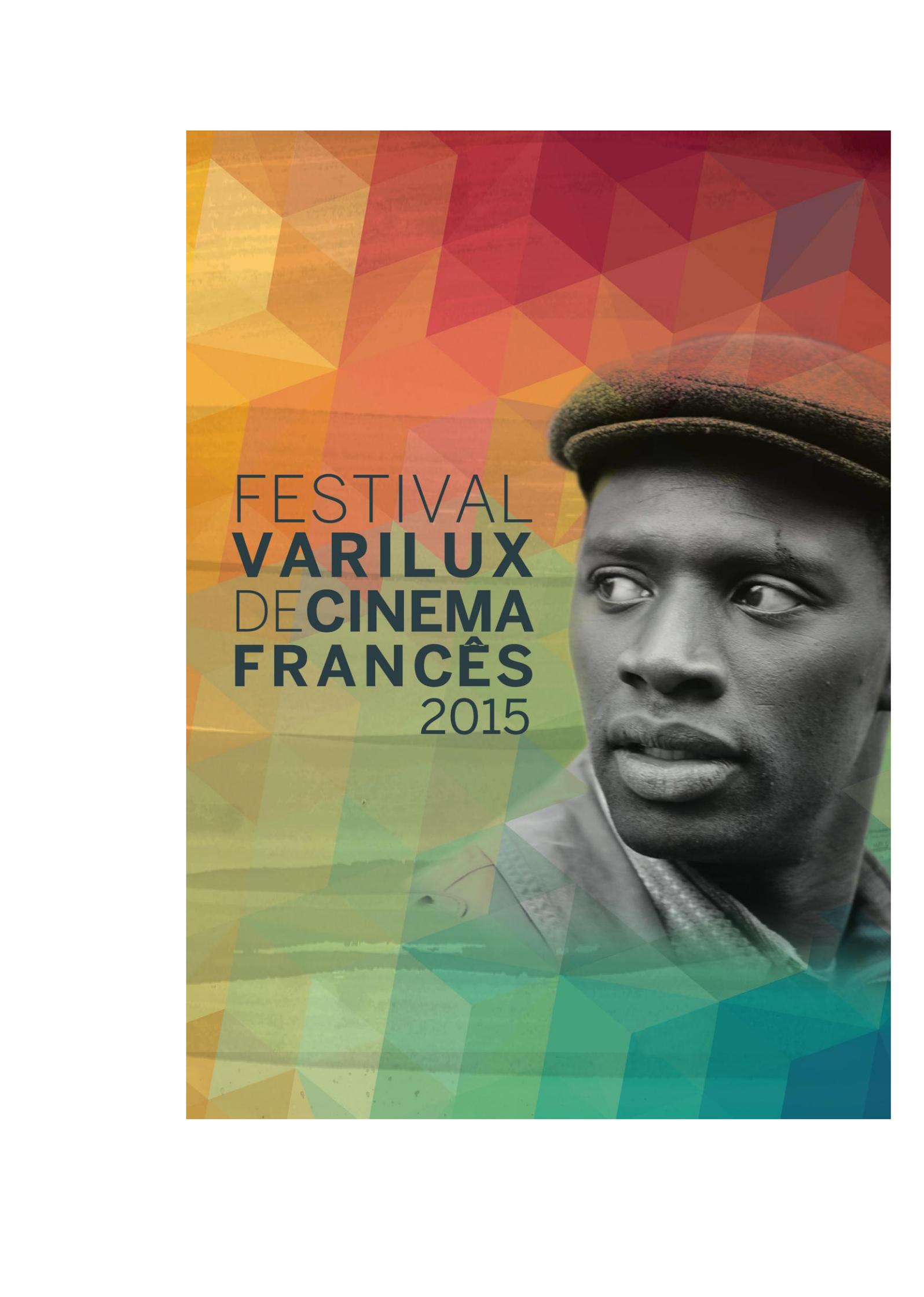
Estabelecido em Santos desde meados da década de 1980, e apoiado pela prática profissional de apreciação cinematográfica, tive a chance de acompanhar aqui diversas edições do Festival Varilux de Cinema Francês – organizado pela Aliança Francesa em Santos na pessoa de sua diretora, Maria de Lourdes Beco -, registrando os filmes, entre centenas de textos publicados.

Esta coletânea, que hora apresento, tem por objetivo traçar um pequeno histórico, dentro de um período específico de tempo – de 2015 a 2019 – dos filmes exibidos nestas edições do festival, nas salas do Cinespaço Santos Miramar, saudoso Cinema de Arte - empreendimento de Adhemar de Oliveira -, que foi a casa do evento, com seu público cativo e ansioso pelos lançamentos da cinematografia francesa que o festival trazia, a cada edição. Alguns dos filmes, eventualmente nem chegariam às telas comerciais da cidade, não fosse a iniciativa do Cinespaço e da Aliança Francesa. O cinéfilo santista, agradecido, comparecia em peso.

A opção aqui foi pela reprodução de maneira organizada e cronológica da fortuna crítica produzida sobre os filmes apresentados no festival, em ordem alfabética (em português), na sequência dos anos em que foram exibidos, dentro deste período específico de tempo.

Esperamos que aqueles interessados por cinema, em especial o francês, aproveitem estas apreciações como um pequeno guia na busca por estas gemas do cinema de arte. E vamos aos filmes...

*Para Marcelo e Dinho.*

The poster features a black and white portrait of a young man wearing a flat cap, looking off to the side. The background is a vibrant, multi-colored geometric pattern of triangles in shades of orange, red, yellow, and green. The text is overlaid on the left side of the image.

FESTIVAL  
**VARILUX**  
DECINEMA  
**FRANCÊS**  
2015

## **“Beije Uma Garota”**

Dizem que para tudo sempre há uma primeira vez. E *Jérémy* (Pio Marmai) é a prova viva disso. Um belo dia ele acorda assustado e se depara com uma bela loira, *Adna* (Adrianna Gradziel), dormindo a seu lado, depois de obviamente terem tido uma tórrida noite juntos. Tenta, com muito cuidado, sair sem acordá-la. Em vão. Seu pânico é palpável. Sai correndo, em meio a explicações sem nexos. E, como sua própria voz nos diz, só há dois motivos para alguém estar correndo desta maneira logo cedo: *ou está atrasado para o trabalho, ou acaba de fazer alguma coisa de muito errada*. Claro que se trata da segunda opção, neste caso.

Ele chega esbaforido a seu apartamento, simula uma bagunça como se tivesse dormido no sofá, e enfia-se no banho, bem a tempo de não ser flagrado por seu noivo (!), *Antoine* (Lannick Gautry), com quem deve se casar em poucos dias. A partir deste ponto, passamos a acompanhar uma moderna versão das comédias de boulevard francesas, com *abre-porta-fecha-porta*, identidades trocadas, mentiras que levam a mentiras, num crescendo que conduz fatalmente à revelação no ato final, catártica para público e personagens.

E, apesar da competência técnica da realização, e da incrível adequação do *casting* – todos bem em seus papéis – o filme acaba soando um pouco artificial em suas soluções, simplistas em demasia, todas muito fáceis – como se a vida fosse fácil. Na realidade, a paixão repentina que se desperta de *Jérémy* para *Adna* leva a questionar não só a orientação sexual manifesta do rapaz – afinal foi sua primeira vez com uma mulher – como também a amplidão de seu amor por *Antoine*, este sim completamente seguro de seus sentimentos para com *Jérémy*.

O destaque fica por conta do elenco de apoio, principalmente o melhor amigo e a gerente do escritório, *Charles* (Franck Gastambide) e *Clémence* (Camille Cottin), o filósofo troglodita e a feia charmosa, e os pais de *Jérémy*, *Hubert* e *Françoise* (Frédéric Pierrot e Isabelle Candelier), ativistas de esquerda inconformados com a “*volta ao armário*” do filho, e completamente apaixonados pelo gênero em perspectiva, *Antoine*; assim como a irmã “normal” relegada à ignorância pelos pais e seu marido (Nicole Ferroni e Etienne Guiraud) que, num ataque de pânico, praticamente se converte à causa gay.

Na realidade, a personagem de *Jérémy* é o sonho de consumo de toda mulher que tem uma queda por seu melhor amigo gay e sonha “*reformá-lo*”, convertendo-o à heterossexualidade esperada dele pela sociedade em geral e por ela em especial. Mas fica a pergunta: *alguém aí já ouviu falar em ex-gay?*

**“Beije Uma Garota”** (*Toute première fois* – 2015 – França - 98’) Direção: Maxime Govare / Noémie Saglio Com: Pio Marmaï, Franck Gastambide, Adrianna Gradziel, Lannick Gautry, Camille Cottin, Frédéric Pierrot, Isabelle Candelier, Nicole Ferroni, Etienne Guiraud

### **“De Cabeça Erguida”**

O novo filme da atriz, roteirista e diretora Emmanuelle Bercot (de “*Ela Vai*”, 2013), “*De Cabeça Erguida*”, traz a história do garoto *Malony* (o estreante Rod Paradot) que, desde muito novo, está em contato com a juíza de casos da infância e da juventude *Florence Baque* (Catherine Deneuve). Ela fica conhecendo *Malony* ao aconselhar sua mãe, *Séverine* (Sara Forestier, de “*Os Nomes do Amor*”, 2010) numa ação de maus tratos para com os filhos, quando *Malony* tem apenas seis anos de idade. Nove anos depois, ele é novamente levado à presença da juíza, num caso de direção perigosa e sem habilitação. Detalhe: no carro, junto a ele e seu irmão mais novo, estava sua mãe, tão ou mais inconsequente que o filho. Sobriedade parece não ser seu ponto forte.

Mais do que estigmatizar a imagem da criança criada (?) por pais despreparados, “*De Cabeça Erguida*” discute o poder de interferência do Estado no processo de desenvolvimento desta criança, e a real eficácia deste procedimento.

Numa série de ações visando a sociabilização de *Malony*, este é enviado a um centro de recuperação de jovens transgressores, acompanhado de um tutor, *Yann* (Benoît Magimel, de “*Por Uma Mulher*”, 2013). Eventualmente, descobre-se que *Yann* já passou por processo semelhante e, portanto, seria a pessoa ideal para aconselhar e guiar *Malony*. Acontece que *Malony* parece não querer ser aconselhado e não vê nenhuma razão para alterar seu comportamento. E a relação de codependência que mantém com a mãe, ela mesma completamente desestabilizada, só intensifica este processo.

O roteiro de Bercot parece, a todo o momento, querer mostrar uma desesperança quase inerte no processo de vida do jovem *Malony*, assim como um círculo vicioso de causa e efeito intransponível. Para tanto contribui a atuação de Rod Paradot – que visualmente guarda grande semelhança com um jovem River Phoenix –, numa atitude bastante violenta e desafiadora, entremeada de raros momentos de fragilidade, principalmente quando em confronto com a sempre bela Catherine Deneuve, que aqui consegue afastar-se de uma imagem mais sofisticada, sem perder a elegância em momento algum.

O filme, apesar de demorar um pouco a alcançar uma resolução – a ponto do espectador quase perder a esperança de qualquer tipo de redenção – mostra outra face da juventude europeia, fruto de uma sociedade onde parece não haver uma geração intermediária de apoio. Os mais idosos simplesmente parecem não saber lidar com os muito jovens que despontam e, como de praxe, questionam os poderes estabelecidos. E toca também em outra chaga exposta, de uma atualidade assustadora: basta prestar atenção aos jovens internados no centro de reabilitação para se perceber o resultado dos processos migratórios mundiais – todos os jovens ali internados são de origens no Oriente Médio ou África, nascidos ou filhos de imigrantes.

E a resolução apresentada pela diretora/roteirista, depois da longa exposição da inabilidade social de *Malory* e sua mãe, acaba soando ligeiramente forçada, como uma intervenção divina descabida no processo da disfuncional família. Mas nada que prejudique o bom resultado deste interessante drama. Experimente.

**“De Cabeça Erguida”** (*La tête haute* – 2015 – França - 120’) Direção: Emmanuelle Bercot  
Com: Catherine Deneuve, Benoît Magimel, Sara Forestier, Catherine Salée, Rod Paradot, Diane Rouxel

### **“Diário de uma Camareira”**

Se fosse uma telenovela brasileira, certamente “*O Diário de Uma Camareira*” seria o maior sucesso do “*Vale à Pena Ver de Novo*”. Sim, porque há no mínimo seis

(!) versões conhecidas do romance de Octave Mirbeau espalhadas pelo mundo, basicamente na França, incluindo esta que agora está em cartaz no Brasil.

A primeira, “*Segredos de Alcova*” (*The Diary of a Chambermaid* - 1946 – EUA – 86’), tem direção de Jean Renoir, e é estrelada por Paulette Goddard e Burgess Meredith (também autor do roteiro); de 1964, a versão mais conhecida, “*O Diário de uma Camareira*” (*Le journal d'une femme de chambre* - 1964 – Itália/França – 94’), com direção de Luis Buñuel (também roteirista, junto com Jean-Claude Carrière), e estrelada por Jeanne Moreau, Georges Géret, Michel Piccoli e Françoise Lugagne; em 1974, “*Célestine... bonne à tout faire*” (1974 – França – 94’), dirigido por Jesús Franco, com roteiro de Nicole Guettard, e estrelado por Lina Romay e Howard Vernon; em 1982, o telefilme “*Le journal d'une femme de chambre*” (1982 – França – 85’), dirigido por Jean-Marie Coldefy, com roteiro de Jacques Destoop, e estrelado por Geneviève Fontanel, como *Célestine*; em 2011, “*Le journal d'une femme de chambre*” (2011 – França – 60’), com direção de Bruno François-Boucher e estrelado por Ségolène Point e Bernard Borie; e finalmente, “*O Diário de Uma Camareira*” (*Le journal d'une femme de chambre* - 2015 - França / Bélgica – 96’), que tem direção de Benoît Jacquot (que também assina a adaptação da novela, junto com Hélène Zimmer), e é estrelado por Léa Seydoux e Vincent Lindon, como *Célestine* e *Joseph*, respectivamente.

O mais curioso é que, comparando as várias versões, mesmo com todas as liberdades tomadas pelos roteiristas – personagens que surgem e somem inexplicavelmente, ou simplesmente diminuem ou aumentam de importância na trama, assim como deslocamentos geográficos – basicamente o *plot* central refere-se à não muito simpática camareira *Célestine* e sua saga, emprego após emprego, em busca da realização econômica, independente da questão pessoal. O importante é fugir da miséria, ou do emprego degradante (em sua opinião), por uma melhor posição social.

E isso não é diferente nesta nova versão, dirigida por Jacquot (de *Adeus, Minha Rainha*, 2012) e estrelado pela bela Léa Seydoux (de *Azul é a Cor Mais Quente*, 2013, e *O Grande Hotel Budapeste*, 2014), no papel da oportunista *Célestine*. Todo o desprezo que *Célestine* sente por seus empregadores, com exceção do frágil *Georges* (Vincent Lacoste) e sua avó (Joséphine Derenne) – mas isso talvez tenha a ver com a situação quase “*Teresa Batista Cansada de Guerra*” (romance de

Jorge Amado, de 1972, cuja protagonista divide algumas desventuras com *Célestine*) que os envolve – está presente nesta versão do romance.

E este desprezo, assim como a absoluta inexistência de remorso em nenhum dos personagens, é o que torna o filme quase desagradável para o espectador. Claro exemplo disso é a cena com o “*furão*”, que marca uma posição, mas torna a personagem que a protagoniza hedionda aos olhos de quem a assiste.

E não se pode dizer que *Célestine* seja exatamente a companhia ideal a ninguém que precise de um “ombro amigo” por perto. Pretensiosa, arrogante e de constante mau humor (eu também talvez estivesse se fosse minha função limpar os aposentos de meus patrões no início do século 20), *Célestine* não hesita em atropelar quem passe por sua frente, ou usar quem esteja a seu alcance. Tudo isso, claro, enquanto tenta fugir do assédio do patrão priapo (Hervé Pierre), do apaixonado psicopata da casa ao lado (Patrick d'Assunção), ou do soturno faz-tudo da propriedade rural (Vincent Lindon) onde se emprega, depois de muitos outros lugares, abandonados meio que sem motivos claros.

Com impecável recriação de época e fotografia, “*O Diário de Uma Camareira*” é um belo filme, sobre pessoas não tão belas assim. Experimente.

**“*Diário de Uma Camareira*”** (*Journal d'une femme de chambre* – 2015 - França/Bélgica – 96’) Direção: Benoît Jacquot Com: Léa Seydoux, Vincent Lindon, Clotilde Mollet, Hervé Pierre, Mélodie Valembert, Patrick d'Assunção, Vincent Lacoste e Joséphine Derenne

### **“*Gemma Boverly – A Vida Imita a Arte*”**

A paixão que o parisiense de meia idade Martin (Fabrice Luchini, de “*Pedalando com Molière*”, 2013) sempre nutriu pelo romance de Gustave Flaubert, “*Madame Bovary*”, repentinamente parece se materializar na figura de sua nova vizinha, Gemma. Explica-se: depois de haver mudado de Paris para uma pequena vila na Normandia e se estabelecido como padeiro – ofício que parece dominar completamente, tendo herdado a padaria de seu pai – Martin não tem muito que fazer o dia todo, além do trabalho e da companhia da mulher, Valérie (Isabelle

Candelier) e do filho Julien, a quem julga um total imbecil (Kacey Mottet Klein), e a chegada do casal Boverly – Gemma e Charlie (Jason Flemyng) – parece abalar esta rotina tão pacata.

Gemma parece, ao mesmo tempo, uma explosão de sensualidade e uma presença inocente como de uma criança. Obviamente, enlouquece os homens locais, de Martin a Hervé (Niels Schneider), jovem cosmopolita que se encontra recluso em seu castelo, com a desculpa de estudar para exames próximos. Eles quase imediatamente começam um tórrido caso, que o marido de Gemma parece ignorar completamente, mas que é acompanhado atentamente por Martin. Até que surge, na cidade, Patrick (Mel Raido), um ex-amante de Gemma, e a situação fica ainda mais complicada.

O complexo jogo de sedução e dominação estabelecido entre Gemma e seus pretendentes – e não são poucos – é o ponto central deste filme de Anne Fontaine, roteirizado por ela e por Pascal Bonitzer, a partir do romance de Posy Simmonds. Anne afirma que teve bastante dificuldade em escalar a atriz para o papel principal, que requeria a mistura exata de mulher e menina, até que sua amiga, a atriz Isabelle Huppert leu seu script e sugeriu, de pronto, a inglesa Gemma Arterton. Anne marcou um encontro e, ao abrir a porta, Gemma sorriu-lhe e ganhou ali o papel, apesar de não falar francês, o que a princípio dificultou o processo, mas também acrescentou um charme extra à atuação de Arterton.

É curioso observar-se o brilho na atuação de Fabrice Luchini, carregada de significados em pequenos e estudados gestos e olhares. Por si só vale o filme. Note sua reação na cena final, quando o filho vem lhe falar dos novos vizinhos que se mudaram para a casa ao lado. Perfeito! “*Gemma Boverly*” resulta em um pequeno estudo sobre o desejo humano. Não perca!

**“*Gemma Boverly – A Vida Imita a Arte*”** (*Gemma Boverly* – 2014 – França – 99’) Direção: Anne Fontaine Com: Fabrice Luchini, Gemma Arterton, Jason Flemyng, Isabelle Candelier, Niels Schneider, Mel Raido

## **“Hipócrates”**

Benjamin (Vincent Lacoste), estudante de medicina, começa sua residência num grande hospital francês de uma maneira que não esperava: após breves apresentações ao pessoal da equipe, já lhe são entregues as fichas de 15 pacientes, responsabilidade dele daquele momento em diante. Ou seja, aprender praticando.

E, se a saúde pública no Brasil está um caos, a situação francesa não fica muito atrás. Cortes em orçamentos, falta de pessoal, medicamentos e equipamentos, tudo isso combinado formando um quadro bastante apreensivo também.

E é com isso que Benjamin vai aprendendo a lidar, até que as coisas começam a dar errado, não só para ele como também para seus circundantes. E o fato de ser filho do médico chefe do hospital (Jacques Gamblin) não melhora sua situação em quase nada – ou ele assim encara, pelo menos -, pois as sanções atingem a todos.

Entre pacientes violentos, crônicos ou terminais, Benjamin e seus pares têm que aprender a subjetividade de lidar com a vida humana, numa espécie de poder divino depositado em mãos não necessariamente habilitadas para tal.

A presença de outros estudantes, ou de médicos estrangeiros em processo de regularização de sua profissão dentro do França, só serve para estremecer ainda mais as já frágeis bases em que são edificadas as carreiras destes jovens estudantes.

Destaque para o desempenho da maior parte do elenco, coeso, humano e cativante. Como em todo bom drama médico, a humanidade dos personagens, por mais secundários que sejam, é fundamental para o envolvimento da plateia, e a respectiva catarse esperada pelo espetáculo.

A reparar, apenas a displicente trilha sonora, num misto de dramalhão tipo “*Days of Our Lives*” com as trilhas dos anos 1970, abusando de teclados eletrônicos. E também, algo que parece estar se tornando regra (será a globalização?), as canções que aparecem durante o filme ou nos créditos finais, todas, executadas em

inglês, apesar do filme ser francês, e a canção francesa não estar morta para o mundo. Será que facilita a exportação?

De qualquer forma, trata-se de um bom filme, sobre temas pertinentes, executado de maneira honesta e eficiente. Poderia ser mais dramático, se o cenário fosse o SUS, por exemplo, mas isso é uma outra história. *Não perca!*

**“Hipócrates”** (*Hippocrate* – 2014 – França - 102’) Direção: Thomas Lilti Com: Vincent Lacoste, Jacques Gamblin, Reda Kateb, Marianne Denicourt, Félix Moati, Carole Franck

### **“O Que As Mulheres Querem”**

Esta comédia francesa, de 2014, teria se beneficiado, em termos de apelo nos cinemas, da tradução literal de seu título em francês, algo com “*Sob as Saias das Meninas*”. E faz até sentido que sua diretora, Audrey Dana, tenha reservado para si o papel mais ingrato – e dos mais divertidos – do filme, o da “outra”, Jo, execrada por praticamente todo mundo em cena. São onze mulheres, cada uma padecendo de algum tipo de insatisfação.

Num roteiro (da diretora, em colaboração com Raphaëlle Desplechin e Murielle Magellan) com altos e baixos, e um excesso de personagens, são discutidas as razões pelas quais as mulheres parecem sempre ter o que falar numa “DR”: sexo, profissão, vida pessoal, família, solidão, etc., etc., etc.. Como o partido adotado é a comédia, via de regra, as situações acabam descambando para uma falta de gosto que revela certa mão pesada na condução, apesar dos esforços do elenco, coeso como poucos.

Utilizando o estratagema de – acintosamente - relacionar os personagens entre si, seja profissionalmente, seja do ponto de vista pessoal, parece que todo mundo conhece todo mundo no filme, superficialmente ou não. E isso cria certa artificialidade, na medida em que, repentinamente, praticamente todas as mulheres do filme estão sob o mesmo teto, com a chance de expurgar publicamente todas as mazelas que as afligem.

Não que não seja divertido, apenas soa um pouco forçado. Há, porém, algumas situações muito divertidas, como a do galã de cinema americano que sai do armário apenas para se apaixonar pela mais improvável das personagens. Ou a executiva sem absolutamente nenhuma vida pessoal que tenta se encontrar com suas colegas de colégio, com resultados desastrosos, claro. Ou ainda aquela que, ao se aproximar do objeto de desejo, reage fisicamente de maneira bem pouco agradável.

Sinal dos tempos, na luta por espaço no mercado cinematográfico internacional: nenhuma das canções na trilha sonora do filme é cantada em francês, todas são em inglês, incluindo um improvável (apesar de divertido) flash mob, no final do filme.

Talvez as questões pudessem ser todas discutidas sem tanta apelação, mas o filme parece cumprir sua proposta. A única coisa que é completamente imperdoável é o resultado da cirurgia plástica “cometida” contra Isabelle Adjani, uma das mulheres mais lindas do cinema francês, que parece ter sido atropelada por um frasco desgovernado de silicone. Um horror! Quanto ao filme, diverte. *Experimente!*

Em tempo: dada a originalidade do título em português, não confundir este filme com “*Do Que as Mulheres Gostam*” (*What Women Want*, 2000), com Mel Gibson e Helen Hunt, ou com “*O Que Elas Querem*” (*Crush*, 2001), com Andie MacDowell e Imelda Staunton.

**“O Que As Mulheres Querem”** (*Sous les jupes des filles* – 2014 – França – 116’) Direção: Audrey Dana Com: Isabelle Adjani, Alice Belaïdi, Laetitia Casta, Audrey Dana, Julie Ferrier, Audrey Fleurot, Marina Hands, Géraldine Nakache, Vanessa Paradis, Alice Taglioni, Sylvie Testud

### **“Que Mal eu Fiz a Deus?”**

O *Festival Varilux de Cinema Francês*, tradicional evento anual, muito aguardado pelo público de cinema de arte, trouxe em sua versão 2015, um considerável número de comédias, gênero que está caindo cada vez mais no gosto do público francês. Um dos exemplos é este “*Que Mal eu Fiz a Deus?*” (*Qu'est-ce*

*qu'on a fait au Bon Dieu?*), de Philippe de Chauveron, que tenta, retratando uma tradicional família do interior francês, traçar um comentário sobre a atual questão étnica naquele país.

Obviamente, não se trata de nenhum tratado socioeconômico, mas sim de uma bem humorada fábula sobre um casal católico - *Claude* e *Marie Verneuil* (Christian Clavier e Chantal Lauby) -, bem colocado economicamente, cujas quatro filhas, uma a uma, decidem se casar com homens franceses oriundos de etnias e religiões diferentes das de seus pais.

O filme começa justamente com o casamento de *Isabelle* com *Rachid*, filho de imigrantes árabes (Frédérique Bel e Medi Sadoun), seguido do casamento de *Odile* e *David*, filho de judeus (Julia Piaton e Ary Abittan), e do casamento de *Ségolène* com *Chao* (Emilie Caen e Frédéric Chau), de origem chinesa, restando apenas a caçula *Laure* (Elodie Fontan) solteira e sem compromissos. Ou pelo menos é isso que eles acham.

O filme, recheado de piadas politicamente (mais ou menos) incorretas, mostra-se ele mesmo bastante preconceituoso, atirando para todos os lados na tentativa de arrancar risadas a partir de qualquer clichê que se possa imaginar relativo a etnias, devidamente amplificado pela legendagem em português, que não hesita em incluir, inclusive, uma menção ao rabino Henry Sobel em um dos comentários (substituindo a menção a uma personalidade francesa).

Não que seja algum demérito o uso do humor na discussão antropológica, mas o caso é que o filme nem é tão corajoso assim, na medida em que faz uso dos mesmos elementos que condena para conseguir atingir o riso do espectador. E este vem, até com certa facilidade.

Principalmente quando a jovem *Laure* resolve apresentar o namorado, *Charles* (Noom Diawara), à sua família, do mesmo modo que este precisa falar dela a seus pais, durante as festas de fim de ano. Fatalmente haverá o embate entre os radicais pais de ambos, em momento catártico do filme, apesar de previsível. Entre piadas sobre cor, credo e origens, além de prepúcios, o filme consegue cativar a plateia, que se diverte de maneira descontraída. Experimente!

**“Que Mal eu Fiz a Deus?”** (*Qu'est-ce qu'on a fait au Bon Dieu?* – 2014 – França - 97)

Direção: Philippe de Chauveron Com: Christian Clavier, Chantal Lauby, Ary Abittan, Medi Sadoun, Frédéric Chau, Noom Diawara, Frédérique Bel, Julia Piaton, Emilie Caen

## **“Samba”**

O tão aguardado filme dos cineastas Olivier Nakache e Eric Toledano, depois do festejado “*Intocáveis*”, foi provavelmente a maior atração do Festival Varilux deste ano, em termos de público e também de destaque na imprensa. E não é para menos. Os próprios cineastas declararam, durante a coletiva de imprensa da mostra, não se sentir pressionados pela expectativa, mas que mesmo assim queriam alcançar um resultado tão abrangente quanto com seu filme anterior. E, graças a um roteiro redondo e preciso (dos diretores, com colaboração de Muriel Coulin) e, principalmente, um espetacular elenco, “*Samba*” atinge plenamente seu intento.

O senegalês *Samba Cissé* (Omar Sy, de *Intocáveis*, 2011) emigrou há 10 anos para a França, onde vive ilegalmente com o tio *Lamouna* (Youngar Fall), este sim um trabalhador com visto permanente. Samba vai alternando de um subemprego em outro, tentando se manter no país sem chamar a atenção da Imigração. Ao ter problemas com a polícia, conhece a assistente social voluntária *Alice* (Charlotte Gainsbourg) que, apesar de todos os problemas pessoais que enfrenta, dedica seu tempo a ajudar estes imigrantes ilegais, enquanto cumpre sua licença-saúde. Paralelamente a isso, ainda transitam pelo filme *Manu* (Izïa Higelin), outra assistente social, amiga de *Alice*, e *Wilson/Walid* (Tahar Rahim), “brasileiro” argelino companheiro de aventuras de *Samba*.

Além das carismáticas presenças de Omar Sy – mais simpático do que nunca, numa interpretação menos contundente que em “*Intocáveis*” – e de Tahar Rahim – arranhando um português enviesado em algumas palavras – o filme conta ainda com Charlotte Gainsbourg numa interpretação frágil e menos intelectualizada que de costume, gerando empatia quase imediata com a plateia.

E, para os brasileiros, o atrativo extra de canções brasileiras na trilha sonora – “*Palco*”, de Gilberto Gil, numa hilariante cena de dança de *Wilson*, e “My Brother Charlie”, de Jorge Ben Jor, numa cena de festa. Em tudo, um filme alto astral, simples e humano. *Não perca!*

“**Samba**” (2014 – França – 118’) Direção: Olivier Nakache e Eric Toledano Com: Omar Sy, Charlotte Gainsbourg, Tahar Rahim, Izïa Higelin, Isaka Sawadogo, H  l  ne Vincent

FESTIVAL  
VARILUX  
DE CINÉMA  
FRANÇAIS  
2016



## “A Corte”

*Michel Racine* (o sempre eficiente Fabrice Luchini, de “*Gemma Boverly*”, 2014) é um juiz notório no tribunal francês por sua rigorosa conduta - também conhecido como “*mais de 10*”, pela quantidade de anos de pena que costuma aplicar aos casos que julga -, que não está tendo um bom dia. Acometido por uma forte gripe, vivendo provisoriamente num hotel – em processo de separação da esposa -, ainda tem que lidar com um novo caso: um doloroso crime de assassinato de uma menina de sete meses por seu pai. Não está fácil.

E, repentinamente, nada disso parece ter mais importância. No processo de seleção do júri do caso de assassinato, *Racine* se depara com *Ditte* (a bela Sidse Babett Knudsen), uma das selecionadas como jurada, que foi uma sua devastadora paixão. Há pouco tempo atrás, ele se submeteu a uma delicada operação e *Ditte* foi sua anestesista, acompanhando seu caso até sua saída do hospital. Seu carinho com os pacientes teria sido mal interpretado por *Racine*, ou haveria ali realmente a faísca de uma paixão, aguardando aflorar?

Delicada quase “*comédia romântica*” de Christian Vincent, diretor e roteirista de “*Os Sabores do Palácio*” (*Les Saveurs du Palais*, 2012), a graça do filme se apoia quase completamente na impecável performance de Fabrice Luchini – premiado em Veneza 2015 por este papel -, em adorável par composto com Sidse Babett Knudsen – premiada com o César 2016 de Atriz Coadjuvante pelo filme -, curiosamente dinamarquesa vivendo na França, como sua personagem. Eles conseguem passar uma intimidade serena e segura, envolvendo o público neste quase transgressor caso de amor. Note a sinergia da dupla na conversa do restaurante, junto com a filha adolescente de *Ditte*, *Ann* (a surpreendente Eva Lallier), que os questiona a respeito da relação que os une.

Outro desempenho notável fica por conta de Victor Pontecorvo, que faz *Martial Beclin*, o pai acusado de assassinar a pequena filha, e dá um show com apenas algumas poucas linhas de diálogo, mas uma expressão de dor e ódio contidos que o destaca no contexto. Ele, observando o depoimento da ex-esposa no tribunal, é impressionantemente triste.

O único estranhamento que o filme causa é que, repentinamente, o caso sendo julgado perde quase toda a relevância face o desenvolvimento da trama pessoal do juiz. Acaba-se com a impressão de certa falta de foco no desenvolvimento do roteiro. Mas nada que interfira na apreciação das comoventes interpretações que o filme contém. Confira!

**“A Corte”** (*L'hermine* - 2015 - França - 98') Direção: Christian Vincent Com: Fabrice Luchini, Sidse Babett Knudsen, Eva Lallier, Victor Pontecorvo, Miss Ming

### **“Agnus Dei”**

Na Polônia, em 1945, a guerra está acabada, as forças aliadas retomam o país e a Cruz Vermelha ajuda como pode à população e aos soldados feridos libertados dos campos alemães.

Uma médica, *Mathilde* (Lou de Laâge), é então procurada por uma freira aflita e a acompanha ao convento local, onde uma das freiras está em agonia... Com as dores do parto! E o mais espantoso é a descoberta que várias das irmãs estão em adiantada gravidez, prestes a dar à luz.

Este estado se deve às invasões que o convento sofreu em duas ocasiões: primeiro pelas forças alemãs de ocupação, e depois pelas forças russas de libertação. Em ambos os casos, a maioria das freiras foi violentada repetidamente e quase todas engravidaram. E o pior é que elas sequer podem revelar o acontecido, temendo o escândalo. Passam os dias rezando e cumprindo suas tarefas, como se nada houvera havido. Só que a proximidade do parto torna esta situação insustentável e alguém tem que agir.

Neste ponto entram em conflito três posturas distintas: a jovem médica, que quer ajudar às freiras, independente da posição “oficial” da igreja de negar o fato; a irmã Maria (Agata Buzek), a mais esclarecida e fluente entre as freiras, que se encontra presa entre o desejo de ajudar às irmãs e as ordens superiores; e a Madre Superiora (Agata Kulesza, vista em “*Ida*”, 2013), ela mesma vítima de violência – e se nega a ser tratada -, que tende a seguir a postura de que nada aconteceu, e as

crianças resultantes deste pecado devem ser entregues às famílias das freiras para serem cuidadas (ou, pelo menos, é o que ela diz fazer).

Belo estudo sobre a fragilidade da vontade humana e o poder inebriante da fé, “Agnus Dei” coloca questões simples como até que ponto a obediência às regras deve antagonizar a preservação da vida humana ou, qual preceito ético justifica o sacrifício de um inocente (ao que o título original do filme faz clara referência), colocando frente a frente a jovem médica idealista (que acaba encontrando a solução ideal para toda a situação) e a sofrida Madre Superiora, atada a seus ditames seculares.

Uma bela fotografia, que beira o preto e branco, valoriza ainda mais a sensação de frio e abandono, perene no filme. Destaque também para Vincent Macaigne, que faz o médico amigo/amante de Mathilde, Samuel, e permanentemente contrapõe os preceitos cristãos com a insofismável lógica judaica.

E a grande questão levantada pela história: quem realmente serão os inocentes em toda aquela situação? Cabe ao público decidir. Contundente e poético ao mesmo tempo. Assista.

**“Agnus Dei”** (*Les innocentes* – 2016 - França / Polônia – 115’) Direção: Anne Fontaine  
Com: Lou de Laâge, Agata Buzek, Agata Kulesza, Vincent Macaigne, Joanna Kulig, Eliza Rycembel

## **“Chocolate”**

*George Footit* (James Thierrée) tinha um olho bom para talento. No momento em que viu *Kananga, o Canibal* (Omar Sy), em cena no modesto circo do interior francês, percebeu que havia algo ali. *Footit, o Palhaço*, como era conhecido, era um *clown* inglês cuja carreira vinha aos poucos entrando em declínio, no showbusiness francês do final do século XIX. E ele vislumbrou em *Kananga* a possibilidade de revolucionar seu ato, gerando novo interesse nas plateias.

E, numa época em que a segregação racial era ainda regra, criou o ato onde o autoritário Clown branco ultraja “comicamente” o Augusto negro, que viria a se tornar um dos fundamentos do circo em todo o mundo: a dupla de palhaços onde um bate e o outro apanha (fisicamente falando, mesmo). Nasce a dupla *Footit e Chocolate* - novo apelido de Rafael Padilla, que nasceu em Cuba, em 1868, e foi vendido como escravo quando ainda era criança.

Em menos de três anos, a dupla já enchia casas de espetáculo em Paris, num sucesso absoluto. Isto em muito se devia à aparente diversidade do duo. *Footit* era branco, elástico e energético, enquanto *Chocolat*, negro e mais forte, se fazia de inerte e quase limitrofe, sendo conduzido e abusado por *Footit*, sempre com um grande sorriso nos lábios, para deleite da aristocracia francesa. O que hoje nos parece um acinte social, na época era encarado como normal. Até os negócios da dupla eram geridos por *Footit*, que mantinha *Padilla* sob “seus cuidados”. E não havia intenção de dolo em tal situação. Eles apenas consideravam que os negros e, mais precisamente, *Chocolat*, não seriam capazes de tomar decisões mais elaboradas com relação a suas carreiras ou suas situações econômicas. E, obviamente, o sucesso pessoal e financeiro começa a afetar o trabalho de ambos.

Enquanto *Footit* leva uma vida austera e sem gastos, *Chocolat* ostenta com roupas, joias e até um carro. Sem falar em suas cada vez maiores dívidas de jogo, no qual revelava tremenda inabilidade, perdendo sempre. Paulatinamente, *Chocolat* também se cansa de ser encarado apenas como “*escada*” para *Footit*, e desenvolve anseios mais altos, de se tornar um “ator de verdade”, encenando inclusive Shakespeare. Parte então para a ousada empreitada de encenar “*Othelo*”, que nunca antes havia sido vivido em palcos franceses por um ator negro, muito menos sem tradição teatral, como *Chocolat*. A recepção, por parte do público, não poderia ser pior.

Este novo filme como diretor do prolífico ator Roschdy Zem (de “*Bodybuilder*”, 2014) consegue, quase completamente, contar esta pungente história verdadeira sem apelar para a inevitável esquematização do branco opressor e do negro revoltado, armadilha fácil neste caso. E isso muito se deve à dupla de protagonistas que, cada qual a seu modo, dá vida e paixão a seu personagem, sem os exageros que seriam esperados de tão previsível situação. *Footit*, vivido pelo fantástico James Thierrée, não é apenas um aproveitador do talento alheio, mas sim um incansável

artista que, inclusive, abre mão de sua vida pessoal pelo trabalho. E *Chocolat*, encarnado pelo sempre simpático Omar Sy, não é nem um poço de ingenuidade nem um pretensioso alpinista profissional. Ele apenas não tem o controle de suas próprias decisões, como ocorria com a maioria dos negros pobres na sociedade de então.

Uma linda direção de arte traz à vida a Paris Art Nouveau da virada do século XX, num resultado deslumbrante visualmente. E não se espante se alguma coisa lhe incomodar no impressionante solo de humor que James Thierrée desenvolve em sua primeira cena. Seu ato faz jus às suas origens: além de ser bisneto por parte de mãe de Eugene O'Neill, premiado dramaturgo de "*Anna Christie*" (1921) e "*Longa Jornada Noite Adentro*" (1956), entre muitas outras obras, Thierrée é neto de ninguém menos que Charles Chaplin. Percebe-se. Não perca!

**"Chocolate"** (*Chocolat* - 2015 - França - 110') Direção: Roschdy Zem Com: Omar Sy, James Thierrée, Clotilde Hesme, Olivier Gourmet, Frédéric Pierrot, Noémie Lvovsky, Alice de Lencquesaing

### ***"Flórida - A Viagem de Meu Pai"***

A idade não torna as pessoas, necessariamente, melhores ou mais compreensivas. Principalmente se ela sempre foi energética, voluntariosa e, ainda por cima, exercia algum cargo de comando. A tendência é rumo à intransigência. Por isso mesmo, o dia a dia na companhia de Claude Lherminier (Jean Rochefort) não é exatamente um mar de rosas.

Aos 80 anos, ele insiste em viver sozinho, apesar dos cada vez mais constantes lapsos de memória e fugas da realidade. Destituído da diretoria de sua fábrica há muitos anos, vive em companhia de acompanhantes que são periodicamente despedidas – ou se demitem, mais frequentemente – dada a dificuldade de lidar com o Sr. Lherminier.

E tudo isso em nada facilita a vida de Carole (Sandrine Kiberlain), a filha de Lherminier, que tem que dar suporte ao pai, ao filho, e tocar a fábrica como

diretora, além de tentar ter uma incipiente vida pessoal, do ponto de vista romântico. E o mais complicado: administrar a veemente negativa do pai em aceitar a morte de sua irmã, Alice, num trágico acidente, anos antes. Na cabeça de Claude, Alice continua viva, morando com o marido na Flórida, e deve chegar de visita a qualquer momento. Ou, como ela tarda a chegar, talvez seja o caso dele partir em visita à filha, nos EUA.

Este controverso argumento – a perda paulatina do contato com a realidade – rege o filme de Philippe Le Guay, que segue a mesma linha humanista de seus recentes “As Mulheres do Sexto Andar” (2010) e “Pedalando com Molière” (2013). Nos três filmes, figuras fortes são confrontadas com uma realidade diferente daquilo que desenharam para si mesmas, gerando diferentes graus de não aceitação. Aqui certamente está delineado o grau mais profundo de negação. A perda da filha é forte demais para ser absorvida, disparando o mecanismo de autodefesa do alheamento.

E nada disso seria possível sem a intrincada atuação de Jean Rochefort (de “A Chave”, 2007), como Claude, doce e absurdamente irritante ao mesmo tempo, mas de um rigor impressionante. Sutilmente estudado, o seu Claude consegue a proeza de traduzir à perfeição as mudanças por que passam aqueles que se debilitam como sua personagem.

A delicadeza na condução da história garante uma acurada observação deste universo particular, tão penoso para quem nele está inserido – principalmente os parentes que observam o distanciamento do ente querido – mas tão bem retratado pelo diretor aqui. Confira.

**“A Viagem de Meu Pai”** (Floride – 2015 – França – 110’) Direção: Philippe Le Guay Com: Jean Rochefort, Sandrine Kiberlain, Laurent Lucas, Anamaria Marinca, Clément Métayer, Coline Beal

## **“La Vanité”**

“La Vanité”, novo filme do diretor suíço Lionel Baier (de “Longwave - Nas Ondas da Revolução”, 2013), trata de um assunto, no mínimo, controverso: a

eutanásia. No caso, assistida. David Miller (Patrick Lapp), arquiteto de formação, começa o filme fazendo check-in num motel meio fuleiro de beira de estrada que, ficamos sabendo a seguir, já viu dias melhores e é um projeto seu, junto com sua finada esposa.

Doente em estágio avançado, e não suportando mais o tratamento para seus males, resolve contratar uma empresa que provê o que poderíamos chamar de “um final digno”, desde que atendidos certos quesitos: o doente estar em posse de suas faculdades mentais, providenciar uma testemunha para o processo e apresentar um laudo médico corroborando seu estado irreversível. Atendidos estes pontos, a empresa administra medicamentos que visam abreviar o sofrimento do “cliente”.

O quarto de motel, simbolicamente escolhido por David, é meio que um espelho de sua própria vida, ou seja, meio acabado e sem previsão de melhorar. Pelo contrário, a edificação tem seus dias contados, como seu autor. Para tal, David recebe Esperanza (Carmen Maura, musa de Almodóvar), da empresa contratada, e ambos esperam pelo filho de David, que deve servir como testemunha. Só que este, ao chegar, se recusa a compactuar com a solução encontrada pelo pai, e parte deixando a situação em suspenso.

Coincidentemente, o único outro quarto ocupado no motel é ao lado do de David, e quem faz uso dele é o “garoto” de programa Constantin (Ivan Georgiev), um “nem tão garoto assim” pai de família do leste europeu, com engraçadíssimo sotaque, que “atende” a seus clientes naquele quarto (sendo talvez o único usuário do motel decadente) e, entre um cigarro e outro, acaba travando contato com David e Esperanza, e aceita fazer parte da situação, como a testemunha necessária.

O filme, baseado em uma bizarra história real, discute um pouco além da questão da eutanásia apenas: na realidade, o foco da observação do diretor suíço seja o galopante distanciamento que as relações humanas vem sofrendo, transformando a todos numa pálida “primeira impressão”. Não há sequer interesse num aprofundamento nestas relações. E as coisas nem sempre são o que aparentam...

O grande trunfo do filme reside, sem dúvida, no trio central de atores, excelentes cada um a seu modo. Carmen Maura, refreando um pouco sua

exuberância natural, é o contraponto perfeito ao desempenho contido de Patrick Lapp, e em muito ajudada pela atrapalhada franqueza de Ivan Georgiev, que rouba a cena em vários momentos.

Um filme delicado e sutil, tem uma das aberturas mais interessantes dos últimos tempos, com os créditos aplicados sobre plantas e fachadas de arquitetura, mostrando justamente o projeto do motel onde a ação transcorre (minha formação técnica adorou) e, curiosamente, aborda o mesmo tema de outro filme que está entrando em cartaz, “*Como Eu Era Antes de Você*”, mas com enfoque e resultados completamente díspares. Confira e compare.

**“La Vanité”** (2015 - Suíça / França - 75’) Direção: Lionel Baier Com: Patrick Lapp, Carmen Maura, Ivan Georgiev, Adrien Barazzone, Nina Théron

### **“Les Cowboys”**

Numa região rural da França, em 1994, a família *Balland* e muitos de seus amigos, participam ativamente de rodeios e atividades agropecuárias que em muito refletem a realidade do Oeste americano. Verdadeiros *cowboys*, inclusive na trilha sonora, composta por canções country americanas, cantadas em bom e sonoro inglês.

Nesta estranha “*Barretos*” francesa, durante um festival, *Alain Balland* (François Damiens), sua esposa *Nicole* (Agathe Dronne) e os filhos *Kid* (Maxim Driesen), de 12 anos, e *Kelly* (Iliana Zabeth), de 16, divertem-se, cantam e dançam, até que a mãe percebe a ausência da filha. Achando que ela está com as amigas, a família começa a se preocupar quando descobre que ela pode ter fugido com o namorado, *Ahmed* (Mounir Margoum), que eles sequer sabiam que existia.

O que se segue são anos de buscas infrutíferas, por parte do pai, acompanhado pelo filho. A unidade familiar se esfacela, o casal se separa e o pai obsessivamente persegue cada informação que recebe, despendendo para isso todo seu dinheiro e ficando em uma situação que beira a penúria. Seu desespero alcança

o pico quando o filho, incrédulo se recusa a acompanhá-lo em mais uma viagem à procura da irmã.

**(SPOILER)** Cansado, Alain sofre um acidente automobilístico e morre. Passam-se vários anos e acompanhamos *Kid* (Finnegan Oldfield), agora adulto, em missões de ajuda a refugiados em áreas de guerra, ao mesmo tempo em que prossegue a busca a *Kelly*, iniciada pelo pai. E, pouco a pouco, se aproxima cada vez mais dela.

Roteirista de filmes premiados como “*O Profeta*” (2009), “*Ferrugem e Osso*” (2012), “*Saint Laurent*” (2014) e “*Dheepan: O Refúgio*” (2015), Thomas Bidegain estreia como diretor neste longa – do qual também escreveu o roteiro – que emula as raízes das tensões raciais cada vez mais explosivas na Europa atual. Situando a ação no começo dos anos 1990, passando pela convulsão mundial do 11 de setembro, e chegando à complicada crise atual dos refugiados na Europa, “*Les Cowboys*”, assumida refilmagem do americano “*Rastros de Ódio*” (*The Searchers*, de John Ford, 1956), coloca um pai – e depois seu filho – na busca insana pela filha / irmã que, não se sabe se voluntária ou involuntariamente, abandona a família para se tornar companheira de um ativista radical árabe.

O que está focado no microcosmo familiar nada mais é do que uma análise mais ampla da situação social do continente, despreparado para dar conta das hordas de imigrantes que recebe hoje em dia, assim como da constante ameaça do extremismo radical islâmico, tragicamente presente.

Um elenco coeso, com evidente destaque para o inglês Finnegan Oldfield como o “*Kid*” adulto, e a curiosa participação do subestimado John C. Reilly, como “*O Americano*”, misto de agente e traficante, impecável. Um filme seco e contundente, que merece um bom público. Não perca.

**“*Les Cowboys*”** (2015 – França – 114’) Direção: Thomas Bidegain Com: François Damiens, Finnegan Oldfield, Agathe Dronne, Ellora Torchia, Maxim Driesen, Djemel Barek, Mounir Margoum, Iliana Zabeth, John C. Reilly

## **“Lolo - O Filho da Minha Namorada”**

*Violette* (Julie Delpy) tem uma vida estabilizada. Profissional organizadora de eventos de sucesso, tem um filho de 19 anos, Eloi, chamado de *Lolo* (Vincent Lacoste, de “*Hipócrates*”, 2014, e “*O Diário de uma Camareira*”, 2015), amigas fieis, mas no quesito coração, um zero à esquerda. Há anos que não consegue relacionar de maneira perene com ninguém.

E, num final de semana no sul da França, com amigas, conhece *Jean-René* (Dany Boon, de “*Um Plano Perfeito*”, 2012), bem sucedido profissional de informática, e um caso perdido em matéria de sedução. De aparência comum, sem atrativos aparentes, e bastante desajeitado, ele consegue despertar o interesse de *Violette*, apenas para descobrirem depois uma impressionante química sexual entre eles. Pouco tempo depois ele se muda para Paris, para trabalhar para um grande banco na implantação de um sistema comercial por ele criado, e eles reatam o relacionamento, para contrariedade de *Lolo*, o edipiano filho de *Violette*.

Na realidade, edipiano não explica exatamente *Lolo*: o jovem, invariavelmente sob a guarda da mãe, faz uso desta codependência para influir sobre todos os passos que ela dá. Controla seus horários, amizades e namoros, tornando-se onipresente em sua vida. Sob o manto da meiguice, priva a mãe de qualquer tipo de relacionamento adulto que ela possa estabelecer. E isto desde que era criança.

Neste caso não é diferente, e *Lolo* passa a sistematicamente sabotar, com requintes de crueldade, o cotidiano de *Violette* e *Jean-René*, a ponto de destruir a vida profissional dele, quase saindo ileso. Obviamente, a reviravolta do terceiro ato traz à luz suas maquinações e o expõe aos olhos de todos, principalmente da mãe.

Misto de comédia romântica com fábula sobre os relacionamentos em grandes cidades, “*Lolo*” justapõe, além da atividade de sabotagem sentimental do filho sobre a mãe, a dificuldade de equalização entre dois indivíduos de formações e experiências completamente diferentes: ela, de formação humanista e sofisticada, vive na capital cosmopolita e se choca ao se deparar com ele, de formação mais cartesiana e simples, vindo de uma cidade menor e sem laivos de sofisticação em seu tratar. Os mundos colidem, mas podem se justapor.

E é justamente a justaposição destas posturas conflitantes o agradável resultado desta comédia, escrita e dirigida por uma das mais versáteis atrizes do cinema francês, a bela Julie Delpy. Com destaque para os precisos e afiados diálogos sobre a condição feminina, e o elenco coeso – repare na amiga, *Ariane* (a excelente Karin Viard, de “*A Família Bélier*”, 2014) – e, uma curiosidade que vimos notando em recentes produções francesas: uma intensa utilização de canções americanas e inglesas na trilha sonora destes filmes mais recentes. Sinais dos tempos, ou da globalização dos mercados. De qualquer forma, não compromete o bom resultado. Experimente!

**“Lolo - O Filho da Minha Namorada”** (*Lolo* – 2015 – França – 99) Direção: Julie Delpy  
Com: Julie Delpy, Dany Boon, Vincent Lacoste, Karin Viard, Antoine Louguine, Christophe Vandeveld

### **“Marguerite”**

Gostar de música não é o mesmo que conseguir fazê-la. Muito menos quando se vive na Paris dos anos 1920, e a música em questão é operística. Não basta gostar e conhecer. Talento é fundamental. Ou então um grande círculo de “amigos e parentes”. Pelo menos é o que se passa com *Marguerite Dumont* (a fantástica Catherine Frot), baronesa por casamento, riquíssima de nascença.

Como os créditos iniciais dizem, “*Marguerite*”, novo filme de Xavier Giannoli (de “*Quando Estou Amando*”, 2006), é inspirado em fatos reais, ou seja, na história ainda mais assombrosa de Florence Foster-Jenkins, cantora norte-americana que se dedicava à música clássica sem o menor talento para tal. Na versão de Giannoli (que além de dirigir, também é autor do roteiro em parceria com Marcia Romano), *Marguerite* é uma rica herdeira, adulada pela sociedade francesa em função de sua fortuna – ela não poupava recursos para a filantropia – e “preservada” pelos mais próximos, incluindo seu marido, *Georges Dumont* (André Marcon). Sem a menor noção de ritmo e tom, suas récitas eram verdadeiras sessões de tortura, reservadas a poucos convidados em ocasiões de benemerência.

E tudo conspirava para que ela continuasse nesta ilusão de talento: dúzias de flores recebidas depois de cada apresentação (enviadas pelo mordomo a mando do marido); aplausos extasiados de seus convidados mais interessados em sua contribuição para causas humanitárias, ou suas polpudas recompensas em espécie; sua coleção de partituras clássicas originais, figurinos e cenários de montagens operísticas; e a fidelidade canina de seu mordomo, *Madelbos* (Denis Mpunga), misto de vassalo, chofer e fotógrafo oficial da cantora. Este, aliás, em muito lembrando a personagem *Max*, de Erich von Stroheim, em “*Crepúsculo dos Deuses*”, obra-prima de 1950, dirigida por Billy Wilder. Como *Max*, por *Norma Desmond* (Gloria Swanson), *Madelbos* seria capaz de qualquer coisa por *Marguerite*, incluindo a contravenção.

Mas como sempre há um ponto de virada, este acontece quando, em uma das apresentações de *Marguerite*, surgem, como penetras, um jornalista, *Lucien Beaumont* (Sylvain Dieuaide), e um artista performático anarquista-bolchevique (!), o inconveniente *Kyrill Von Priest* (Aubert Fenoy), que percebem o falso sucesso de *Marguerite*, e resolvem tirar partido disso. *Beaumont* escreve uma crítica no jornal muito criativa sobre a performance dela (não deixando claro se gosta ou não), *Marguerite* se sente lisonjeada, o procura, conhece *Kyrill* e, quando percebe está recebendo toda a atenção que esperava do marido e não conseguia. *Beaumont* e *Kyrill* a apresentam a um cantor de óperas decadente, *Atos Pezzini* (Michel Fau), este se torna seu professor e, finalmente, ela resolve fazer uma apresentação pública, num grande teatro. E o caos está formado.

Mais do que a cativante história em si, “*Marguerite*” é sobre a fragilidade do desejo humano, seja por sucesso, carinho ou amor. Alimentado, um ego pode nos levar por caminhos tortuosos. E o resultado nem sempre é a luz. O desfecho da história, emblemático, é ao mesmo tempo um recomeço.

Merecidamente recebendo os prêmios César deste ano para Figurinos, Design de Produção, Som e Atriz (além de mais sete indicações), “*Marguerite*” repousa fundamentalmente no talento de Catherine Frot. Um espetáculo. *Não perca!*

Em tempo: no próximo mês chega às telas “*Florence: Quem é Esta Mulher?*” (*Florence Foster-Jenkins*, 2016), estrelado por Meryl Streep, com a biografia da cantora americana. Lembrando também que esta já foi representada em nossos

palcos pela inesquecível Marília Pêra, no espetáculo “*Gloriosa*” (2009), com direção de Charles Möeller e Cláudio Botelho.

”***Marguerite***” (2015 - França / República Checa / Bélgica - 129) Direção: Xavier Giannoli  
Com: Catherine Frot, André Marcon, Michel Fau, Christa Thérêt, Denis Mpunga, Sylvain Dieuaide, Aubert Fenoy, Sophia Leboutte

## “***Meu Rei***”

A ideia geral que parece rondar “*Meu Rei*” é posse. O que é meu pode ser usado como eu bem entender. Ou, pelo menos, essa é a impressão que passa a personagem do incrível Vincent Cassel, *Georgio*, com relação a praticamente todos que o rondam. A começar pela desafortunada *Tony* (Emmanuelle Bercot, de “*Polissia*”, 2011), que seduz (ou é seduzida?) *Georgio*, se apaixona, casa, tem um filho, e quase enlouquece com os desmandos do egocêntrico marido.

Na realidade, egocentrismo não traduz exatamente *Georgio*. Em sua amoralidade não há nenhum impedimento a que ele, apesar de casado e com a esposa grávida, mantenha um caso permanente – e muito pouco discreto – com uma ex-namorada, *Agnes* (a top model francesa Chrystèle Saint Louis Augustin), que, aliás, é outra vítima de sua conduta errática.

A direção da prolífica Maïwenn (também roteirista do filme) contrapõe dois processos concomitantes para *Tony*: sua conturbada vida com *Georgio*, vista em retrospectiva, e seu processo de recuperação de um grave acidente de esqui, que a faz se submeter a meses de intensa fisioterapia, literalmente reaprendendo a andar. E este “reaprender” a andar serve como óbvia metáfora à vida pessoal de *Tony* também, na medida em que ela precisa reaprender a viver sem *Georgio*, por mais que ele tente a reaproximação.

O processo de *Tony*, apesar de muito claro para os circundantes, não parece tanto assim para ela. E não adianta a intervenção do irmão, *Solal* (Louis Garrel, fora do tipo habitual, mas carismático como sempre) que, mesmo muito presente, não consegue fazer com que ela se liberte da ascendência que o marido exerce. Esta

é uma atitude que eventualmente será tomada apenas por decisão própria, e esta é sempre a mais difícil.

Como destaque o bom elenco masculino, encabeçado por Cassel e Garrel, mas principalmente a exuberante performance de Emmanuelle Bercot (Melhor Atriz em Cannes 2015), que se despe de qualquer vaidade para evidenciar o processo de submissão e retomada de *Tony*.

Um filme para interessados em discussões sobre os intrincados relacionamentos humanos, que certamente se beneficiaria de uns 20 minutos a menos em sua metragem original. Confira.

**“Meu Rei”** (*Mon Roi* – 2015 – França – 124’) Direção: Maïwenn Com: Vincent Cassel, Emmanuelle Bercot, Louis Garrel, Isild Le Besco, Chrystèle Saint Louis Augustin

### **“O Novato”**

Definitivamente, a puberdade é uma fase das mais complicadas em toda a vida, para qualquer um. Ainda mais se você é o garoto novo do pedaço (e o mesmo pode se aplicar às meninas). Em “*O Novato*”, *Benoît* (Réphaël Ghrenassia) se muda com a família de Le Havre, na Normandia, para Paris e não consegue se enturmar em sua nova escola. Não fez sequer um novo amigo em mais de uma semana de aulas.

Depois de algumas tentativas frustradas – e alguns palpites infelizes dos adultos que o cercam – parece que finalmente ele atrai a atenção da turma descolada de garotos de sua classe, um grupo encabeçado pelo “*machinho alfa*” *Charles* (Eythan Chiche). Mas tudo apenas para virar mais um motivo de chacota no colégio.

Sendo assim, quase contra sua vontade, ele acaba se relacionando com o esquisito-mor da turma, *Joshua* (Joshua Raccah), que, aliás, poderia muito bem ser o filho perdido de John Belushi na França. A este grupo se juntam o nerd ativista de plantão *Constantin* (o excelente Guillaume Cloud-Roussel), a deficiente

autossuficiente *Aglaée* (Géraldine Martineau), e a bela *Johanna* (Johanna Lindstedt), estudante sueca com dificuldades com a língua francesa a quem *Benoît* ajuda, com imenso prazer.

E a vida transcorre então com as tradicionais ansiedades, e as decepcionantes situações cotidianas de um grupo de crianças, com seus hormônios em polvorosa, sua maldade congênita e incontrolável, e seus laços de amizade que começam a se definir de maneira mais forte, e permanente.

E o filme do jovem diretor Rudi Rosenberg – em seu primeiro longa, também como autor do roteiro – coloca tudo ali, com muita naturalidade, apoiando 99% das cenas nos ombros dos pequenos protagonistas, no que acerta completamente. A quase ausência de adultos no filme – exceção feita a alguns professores, e ao tio de *Benoît*, *Greg* (Max Boubil), ele mesmo muito mais infantil que os meninos de 12 anos – torna a experiência do público muito mais participativa, na medida em que o torna apenas mais um deles, e este passa a enxergar todas as situações sob o prisma dos meninos, de maneira muito mais rica.

E o que torna o filme bastante agradável é justamente o delicioso elenco jovem, em sua maioria em seu primeiro trabalho – exceção feita a Géraldine Martineau, já uma veterana com impressionantes vinte créditos no cinema francês. Aliás, a personagem *Aglaée*, a garota deficiente desencanada, é recorrente no trabalho do diretor, já tendo estado em um curta-metragem seu, de 2010, defendida pela mesma Géraldine.

Não deixe de prestar atenção ao amigo estranho de *Benoît*, *Joshua*. Você certamente teve alguém em sua turma tão – ou quase – “*sem noção*” como ele. E de enorme coração, apesar de seus métodos. Diversão descompromissada, valorizada pelo excelente elenco jovem. Experimente!

**“O Novato”** (*Le Nouveau* - França - 2015 - 81’) Direção: Rudi Rosenberg Com: Réphaël Ghrenassia, Joshua Raccach, Géraldine Martineau, Guillaume Cloud-Roussel, Johanna Lindstedt, Max Boubil, Eythan Chiche, Iléana Courbey

## **“Um Amor à Altura”**

O novo filme do francês Laurent Tirard - diretor dos filmes do “Pequeno Nicolau” -, é uma refilmagem quase quadro a quadro do sucesso argentino de 2013, “*Coração de Leão – O Amor Não Tem Tamanho*”, de Marcos Carnevale.

Como no filme argentino, *Diane* (a muito bela Virginie Efira) perde seu celular e recebe uma ligação da pessoa que o encontrou, o charmoso e carismático *Alexandre* (o “oscarizado” Jean Dujardin), que a convence a encontrá-lo para o almoço no dia seguinte, para que entregue o telefone.

*Diane* é divorciada de seu sócio no escritório de advocacia, o priápico *Bruno* (Cédric Kahn, roteirista e diretor de “*Vida Selvagem*”, 2014), que não é exatamente um poço de virtudes, pessoais ou profissionais. *Alexandre* é um arquiteto bem sucedido profissionalmente, simpático e atraente, cujo único senão, aos olhos de quase todos em volta, é o fato de ter apenas 1,36 m de altura. Ou seja, esta também é uma comédia baseada no “*preconceito nosso de cada dia*”, colocando em cheque a real aceitação que temos das diferenças que encontramos nos outros.

O que esta versão consegue, em comparação à versão argentina de 2013, é injetar mais charme e sutileza no roteiro, tornando as personagens um pouco mais leves, menos agressivamente francas. Mais “*politicamente correta*” que a versão portenha, não deixa de evidenciar a dificuldade com que as pessoas convivem com as diferenças interpessoais.

Ganha-se aqui em quase tudo, exceto nas figuras da secretária de *Diane*, *Coralie* (Stéphanie Papanian), aqui mais pernóstica que sua correspondente argentina, e na figura da empregada de *Alexandre*, *Monique* (Edmonde Franchi), cuja contrapartida portenha era muito mais interessante.

No mais, a versão francesa exuda charme e sofisticação, e em muito deve ao elenco, de Dujardin a Efira, passando por César Domboy (de “*A Travessia*”, 2015), que faz *Benji*, o filho de *Alexandre*. E à presença do enorme cão da família, um *bernese* que adora abalroar *Alexandre*, em previsíveis, porém hilariantes situações.

Não faltam aqui também citações a altura, pés balançando em poltronas, dificuldades para alcançar objetos, mas tudo feito de maneira muito divertida e sem grosserias. Inclusive, com uma muito bem sacada cena com uma maquete de teatro. Repare.

E aqui, o pessoal dos efeitos visuais teve um pouco mais de trabalho, uma vez que o astro argentino Guillermo Francella media 1,72m, e Jean Dujardin mede exatos 1,82 m, sendo que ambos tiveram que ser “reduzidos” a 1,36m. Como o anterior, um filme simples, divertido e pertinente. Experimente.

**“Um Amor à Altura”** (*Un homme à la hauteur* – 2016 – França – 98’) Direção: Laurent Tirard  
Com: Jean Dujardin, Virginie Efira, Cédric Kahn, Stéphanie Papanian, César Domboy, Edmonde Franchi

### **“Viva a França!”**

Final dos anos 1930, na Alemanha, e o jovem *Hans* (o alemão August Diehl, de “*Bastardos Inglórios*”, 2009), de inclinação comunista, é avisado da premente visita das forças nazistas para prendê-lo, e consegue fugir, junto com o filho pequeno *Max* (Joshio Marlon), rumo à França.

Algum tempo depois, em maio de 1940, a França está sendo invadida pelas tropas alemãs, e a população de uma pequena vila do interior, liderada pelo prefeito *Paul* (o belga Olivier Gourmet, de “*Chocolate*”, 2015) enceta uma fuga rumo ao sul, abandonando suas propriedades para fugir dos alemães.

Entre eles estão sua companheira *Mado* (Mathilde Seigner), e a jovem professora *Suzanne* (Alice Isaaz, de “*Doce Veneno*”, 2015), que além de servir como batedora do grupo – desloca-se à frente, com sua bicicleta, verificando a segurança das estradas – ainda toma conta das crianças da aldeia, especialmente de *Max*. Seu pai, *Hans*, acabou preso pelos alemães e, durante o ataque a Arras, consegue escapar e parte em busca do filho. No caminho, contará com a companhia de *Percy* (o galês Matthew Rhys, de “*Brothers & Sisters*”), soldado escocês que teve todo seu

batalhão dizimado pelos nazistas e tenta chegar ao litoral para voltar ao combate com seus companheiros ingleses.

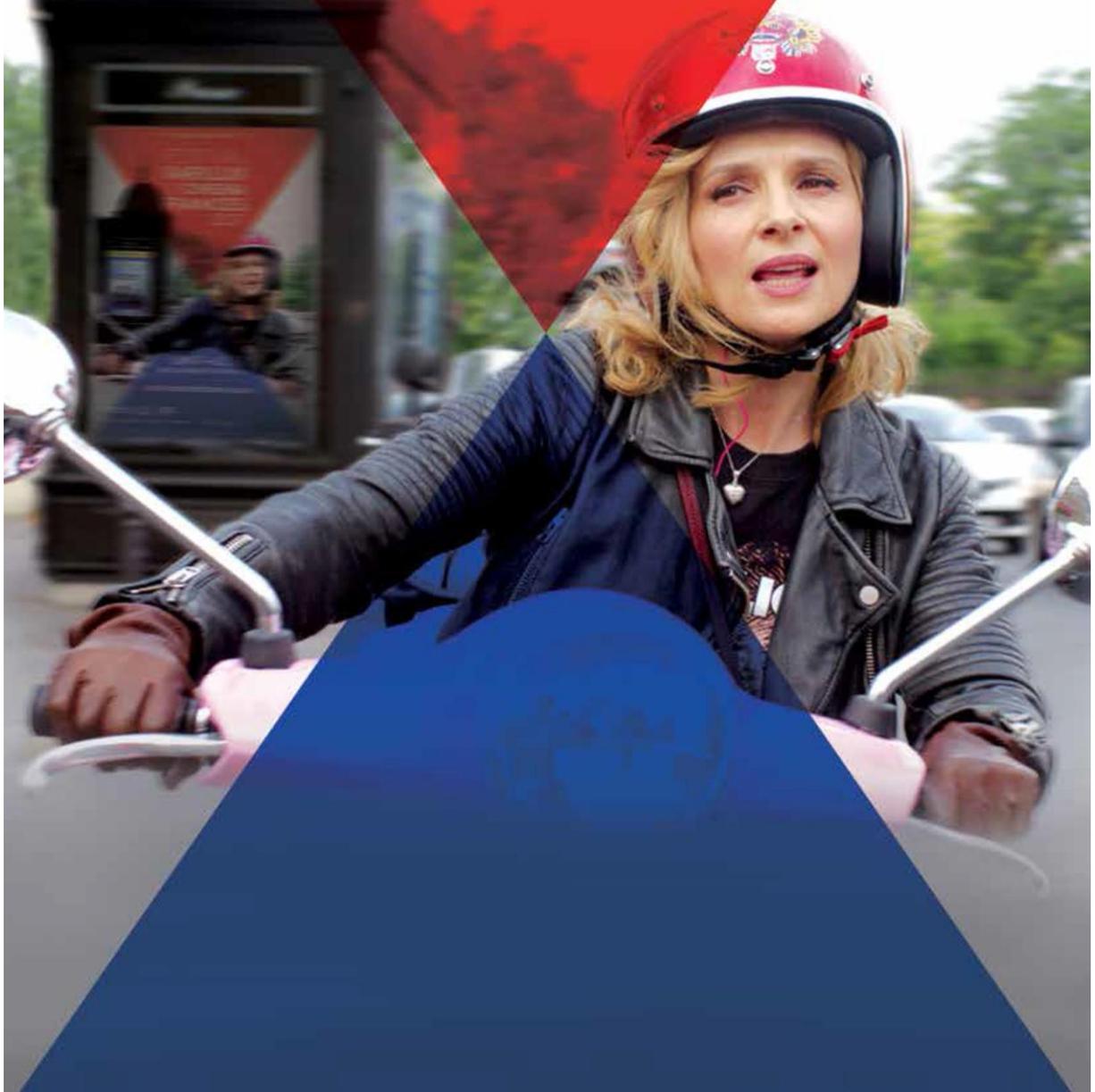
Superprodução francesa, dirigida com discrição por Christian Carion – do delicado libelo antiguerra “*Feliz Natal*”, de 2005 – “*Viva a França!*” (estranho título em português) cruza algumas histórias pontuais de refugiados de guerra, naquele que foi considerado o maior êxodo do século XX, onde mais de oito milhões de pessoas abandonaram suas casas e propriedades para fugir do avanço nazista em solo francês.

O filme guarda bastante semelhança com o clássico de Claude Lelouch, “*Retratos da Vida*” (*Les uns et les autres*, 1981) e, apesar de não percorrer um período de tempo tão grande quanto aquele, também tem a ambição de resumir os horrores da experiência de invasão de uma pátria num curto espaço de uma sessão de cinema. Infelizmente para Carion, vários deslizos na direção de arte e, principalmente nos figurinos, quase conseguem desviar seriamente a atenção do público do foco da ação, a busca de um filho perdido num clima de caos iminente.

O filme acaba resgatado pelas cativantes atuações de seu elenco – em especial August Diehl, Olivier Gourmet, o garoto Joshio Marlon (fantástico) e Matthew Rhys, que consegue até ser um alívio cômico, em situação tão inusitada – e pela estupenda trilha sonora do grande Ennio Morricone, em mais de seus brilhantes trabalhos. Comprove.

**“Viva a França!”** (*En mai, fais ce qu'il te plaît* – 2015 – França – 114’) Direção: Christian Carion Com: August Diehl, Olivier Gourmet, Mathilde Seigner, Alice Isaaz, Matthew Rhys, Joshio Marlon, Thomas Schmauser, Laurent Gerra, Jacques Bonnaffé

FESTIVAL  
**VARILUX**  
DE CINEMA  
**FRANÇÈS**  
2017



## **“A Viagem de Fanny”**

Muito já foi baseado, em cinema, na tragédia que foi a II Guerra Mundial, principalmente no que tange ao genocídio em massa empreendido pelos nazistas, particularmente contra os judeus. Este é o caso deste “*A Viagem de Fanny*”, com o agravante de ser baseado em fatos reais, relatados no livro autobiográfico da personagem principal, Fanny Ben-Ami.

A jovem *Fanny* (Léonie Souchaud), e suas duas irmãs menores – *Erika* (Fantine Harduin) e *Georgette* (a impressionante Juliane Lepoureau) -, mais seis outras crianças francesas de origem judaica, com idades dos 6 aos 16 anos, são enviadas por seus pais para um local de onde poderão chegar à Suíça, fugindo dos alemães que estão invadindo a França. Acontece que as coisas não saem exatamente como previstas, e as crianças meio que ficam à própria sorte, para tentar chegar ao ponto de travessia para a segurança do país neutro no conflito.

O que chama a atenção nesta produção em especial, é a qualidade do elenco infantil, guiados pela excelente Léonie Souchaud como *Fanny*. Em momento algum temos qualquer tipo de overdose de sacarina – como costuma acontecer em temas tão espinhosos –, ou ainda interpretações mecânicas e bem ensaiadas. As crianças dão um show – repare na cena envolvendo um guarda francês armado e um pequeno garotinho loiro, um assombro. E olhe que um dos poucos papéis adultos de destaque fica por conta da bela e talentosa Cécile de France. Mas as crianças dominam.

Obviamente, o envolvimento da plateia é quase imediato, principalmente em se tratando de vilões como os nazistas e vítimas como um grupo de crianças (que de indefesas têm bem pouco). E a torcida é inevitável. Principalmente com o eficiente clima de tensão cuidadosamente controlado pela diretora e co-roteirista Lola Doillon, que consegue sutileza e profundidade no desempenho de todo o grupo. Sem se alongar, o filme envolve e cativa. Experimente.

**“A Viagem de Fanny”** (*Le voyage de Fanny* – 2016 - França / Bélgica – 94’) Direção: Lola Doillon Com: Léonie Souchaud, Fantine Harduin, Juliane Lepoureau, Ryan Brodie, Anaïs Meiringer, Lou Lambrecht, Igor van Dessel, Cécile De France, Stéphane De Groot, Malonn Lévana, Lucien Khoury, Victor Meutelet

## **“A Vida de Uma Mulher”**

O recente cinema francês parece ter quase sempre a mulher como tema central de suas histórias, quando não também como realizadoras. Este “*A Vida de Uma Mulher*”, apesar de confirmar esta tendência, vai meio que na contramão do propósito de outras realizações, que seja a discussão do processo de valorização e reconhecimento da força motriz feminina na sociedade contemporânea.

Talvez em função do próprio material de origem – o filme é uma adaptação do romance “*Uma Vida*”, de 1883, da autoria de Guy de Maupassant (1850-1893) -, o roteiro de Stéphane Brizé (também diretor) e Florence Vignon, apresenta sua personagem principal, Jeanne (vivida por Judith Chemla, de “*O Homem Que Elas Amavam Demais*”, 2014), um arquétipo feminino de final do século XIX, ou seja, praticamente sem nenhuma força de expressão, senão a partir dos homens ao seu redor.

Jeanne, que passa toda a primeira fase de sua vida aos cuidados dos pais, o Barão e a Baronesa Le Perthuis des Vauds (Jean-Pierre Darroussin e Yolande Moreau), tem praticamente tudo arranjado e decidido por estes, independente de sua opinião. É assim o casamento com Julien De Lamare (Swann Arlaud, de “*Os Anarquistas*”, 2015) que, mesmo provando não ser muito digno de confiança, acaba recebendo novas oportunidades, até um desfecho não aguardado. Ela prossegue neste passo no trato com o filho único, Paul (na fase adulta vivido por Finnegan Oldfield, de “*Les Cowboys*”, 2015), que do colégio interno à vida à larga em Londres não cansa de explorá-la, com sua completa conivência.

E é justamente nesta “inevitabilidade” de processo que reside a atração deste “*A Vida de Uma Mulher*”. Jeanne parece, mesmo consciente disso, não conseguir fugir à sua sina de dominação. Em assim sendo, não há muito como culpar a criação ou o ambiente – ou até o período histórico – pela influência que ela sofre. Prova disso é a presença da criada, Rosalie (Nina Meurisse), que mesmo vítima de um revés do destino, não abandona a patroa/amiga Jeanne, tentando fazê-la perceber a extensão de sua própria culpa em seu mórbido destino.

A notória aversão natural que o autor do romance, Guy de Maupassant, sentia com relação à vida em sociedade, preferindo o retiro, a solidão e a meditação,

parece ter sido o partido adotado por Brizé nesta adaptação, que recebeu um prêmio especial do júri na Mostra Internacional de Cinema de Veneza em 2016, e concorreu ao César 2017 nas categorias Melhor Atriz para Judith Chemla, e Melhor Figurino. Um belo drama de época. Experimente.

**“A Vida de Uma Mulher”** (*Une vie* – 2016 - França / Bélgica – 119’) Direção: Stéphane Brizé Com: Judith Chemla, Swann Arlaud, Clotilde Hesme, Alain Beigel, Finnegan Oldfield, Nina Meurisse, Jean-Pierre Darroussin, Yolande Moreau

### **“Coração e Alma”**

Partindo de duas narrativas paralelas, o filme “*Coração e Alma*” começa mostrando três adolescentes que, nas primeiras horas da manhã, rumam de carro para a praia, para surfar. Um deles, Simon (Gabin Verdet), a personagem central do trio, começa a cena “fugindo” pela janela do quarto da namorada, para encontrar os outros dois amigos. Horas depois, no caminho de volta, um acidente de carro o coloca num coma profundo, em situação de morte cerebral, totalmente mantido vivo por aparelhos.

Começa então o período mais difícil para a família, que tem a tarefa de manter ou não a vida do jovem artificialmente e, se não, doar ou não os órgãos do garoto para múltiplos transplantes. O sofrimento dos pais – vividos por Emmanuelle Seigner e Kool Shen - é indescritível.

Ao mesmo tempo, conhecemos Claire (Anne Dorval) que, sofrendo de uma progressiva deficiência cardíaca, deve decidir rapidamente se entra ou não para a fila de espera para um transplante. E isso sem dar ciência aos filhos da premência do problema pelo qual está passando. Ou pelo menos até quando não há mais jeito de esconder.

A diretora e roteirista Katell Quillévére adaptou o romance “*Réparer les vivants*”, de Maylis de Kerangal, realçando o processo de assimilação de ambas as famílias - do rapaz doador dos órgãos e da receptora do coração -, assim como dos profissionais envolvidos tanto no atendimento ao rapaz – entre eles Thomas (Tahar

Rahim), encarregado de acompanhar os pais do garoto no processo de decisão sobre a doação dos órgãos -, como na preparação da paciente para o transplante. Consegue tratar de tema tão espinhoso sem ser melodramática, apesar de extremamente gráfica em algumas cenas hospitalares. Destaque para a bela trilha sonora de Alexandre Desplat. Experimente.

**“Coração e Alma”** (Réparer les vivants – França / Bélgica – 2016 – 103’) Direção: Katell Quillévéré Com: Tahar Rahim, Emmanuelle Seigner, Anne Dorval, Bouli Lanners, Koolhaas, Monia Chokri, Alice Taglioni, Karim Leklou

## **“Frantz”**

Um ano após o final da I Guerra Mundial, *Anna* (Paula Beer, de “*O Vale Sombrio*”, 2014) mantém o luto pela morte de seu noivo, *Frantz* (Anton von Lucke), em batalha, e vive com os desconsolados pais dele, o *Dr. Hans Hoffmeister* (Ernst Stötzner) e esposa, *Magda* (Marie Gruber). A rotina deles é alterada com a chegada de um forasteiro francês, *Adrien Rivoire* (Pierre Niney, de “*Yves Saint Laurent*”, 2014), que *Anna* vê depositando flores no túmulo de *Frantz*.

A partir deste ponto, acompanhamos a paulatina aproximação de *Adrien* de *Anna*, inicialmente, e depois com os pais de *Frantz*. *Adrien* conta ter sido amigo dele em Paris, antes da guerra, e por isso foi à Alemanha prestar homenagens e conhecer sua família.

O clima de antagonismo contra os franceses não poderia ser maior na Alemanha de então, humilhada em seu orgulho nacional ao assinar o armistício com os franceses (o que significou uma rendição), e *Adrien* sente na pele esta reação. Não é, de maneira alguma, bem vindo à pequena cidade e ninguém parece se preocupar em disfarçar o sentimento, nem mesmo *Herr Hoffmeister*, a princípio. Eventualmente, *Adrien* acaba conquistando o coração de *Anna* e dos *Hoffmeister*, tornando-se muito próximos dos três, ao descrever sua fraterna relação com *Frantz*.

Mas, como nem sempre as coisas são simples como parecem, uma reviravolta aparta os caminhos de *Adrien* e *Anna*. E nada é o que parece, a princípio.

O diretor e roteirista francês François Ozon, em sua primeira realização desde “*Uma Nova Amiga*” (2014) é um especialista em trabalhar as relações interpessoais de seus personagens, e neste caso não é diferente. O que difere este de outros filmes anteriores de Ozon é a grande delicadeza com que ele conduz sua história. Baseado no clássico “*Não Matarás*” (“*Broken Lullaby*”, 1932), de Ernst Lubitsch, Ozon adaptou, junto com Philippe Piazzo, a história, carregando um pouco mais a mão no teor erótico da trama. Em muito ajudou a própria figura de Pierre Niney, que vive *Adrien*, que beira a androginia, para a polarização do resultado.

Com uma deslumbrante fotografia (quase toda) em preto e branco de Pascal Marti – parceiro de Ozon em projetos anteriores -, o filme esbanja leveza e sentimento, agridoce na medida. Não perca!

**“*Frantz*”** (2016 - França / Alemanha – 113’) Direção: François Ozon Com: Pierre Niney, Paula Beer, Ernst Stötzner, Marie Gruber, Johann von Bülow, Anton von Lucke, Cyrielle Clair, Alice de Lencquesaing

### **“*Na Cama com Victoria*”**

A vida de Victoria Spick (a bela Virginie Efira, de “*Elle*”, 2016) não poderia estar mais complicada. Advogada, separada do marido, com duas filhas pequenas para criar (sem ajuda do pai, diga-se), mal consegue dar conta de suas despesas mensais, além de não arranjar tempo para cuidar da casa ou das filhas. Em meio a uma grave crise emocional, com uma profusão de babás, padece ainda de uma compulsão não resolvida: envolve-se com infinitos parceiros sexuais, com resultados beirando o desastroso.

Atendendo ao convite para um casamento, lá reencontra um ex-cliente, Sam (Vincent Lacoste, de “*Lolo*”, 2016), jovem acusado de tráfico de drogas que ela conseguiu inocentar, e um velho amigo e sua parceira, Vincent (Melvil Poupaud, de “*À Beira Mar*”, 2015) e Eve (Alice Daquet). Após uma noite de muita bebida, Victoria acorda apenas para descobrir que Vincent está sendo acusado de tentar assassinar Eve a facadas, com provas bastante contundentes, gravadas em vídeo. Para piorar,

ele insiste em que Victoria faça sua defesa, apesar dela estar pessoalmente envolvida no caso – sendo sua amiga e provável testemunha.

Dividida entre aceitar ou não o caso, ela acaba contratando o jovem Sam como seu assistente pessoal / babá de suas filhas. E as coisas, daí para frente, só tendem a piorar, porque seu ex-marido, David (Laurent Poitrenaux, de “*Rodin*”, 2017), inescrupulosamente, passa a publicar textos em seu blog, com histórias pessoais e profissionais que Victoria lhe revelou durante a vida de casados deles, colocando-a numa desagradável berlinda.

Apesar de haver sido indicado ao César 2017 - nas categorias Melhor Atriz e Melhor Filme -, e de participar da Semana Internacional da Crítica em Cannes 2016, “*Na Cama com Victoria*” apresenta-se um filme bastante estranho, com o que talvez seja um dos maiores casos de má escalação de elenco dos últimos anos. Mesmo com o indiscutível talento da protagonista, Virginie Efira, fica bastante difícil acreditar que esta bela mulher, sem dificuldades de articulação, ou até de relacionamento com o sexo oposto, e uma carreira atribulada, porém promissora, possa vir a sofrer de tão severa de depressão e baixa autoestima como aqui se vê.

Mesmo com o apoio recebido (e involuntariamente rechaçado) de Sam, Victoria parece não conseguir colocar sua vida em ordem – nem a pessoal, nem a profissional. Um roteiro mediano (da autoria de Justine Triet e Thomas Lévy-Lasne), tentando fazer comédia com um cachorro dálmata e um chimpanzé (!), ou ainda com algumas tomadas “sensuais” bastante desnecessárias, quase coloca a perder o resultado final. Experimente.

**“*Na Cama com Victoria*”** (*Victoria* – 2016 – França – 97’) Direção: Justine Triet Com Virginie Efira, Vincent Lacoste, Melvil Poupaud, Laurent Poitrenaux, Laure Calamy, Alice Daquet

## **“*Na Vertical*”**

O novo filme do roteirista e diretor Alain Guiraudie (do controverso “*Um Estranho no Lago*”, 2013) é um desafio a qualquer sinopse. Senão vejamos: *Leo*

(Damien Bonnard), roteirista sofrendo de bloqueio criativo, viaja pelo interior francês, chega a um vilarejo, e se sente bastante atraído por seus habitantes, do jovem *Yoan* (Basile Meilleurat) à pastora de ovelhas *Marie* (India Hair).

Passa a viver com *Marie* e, depois de quase um ano, ela dá à luz um bebê, fruto desta relação. Sofrendo de depressão pós-parto, ela foge com seus dois outros filhos, deixando *Leo* com o bebê para cuidar, junto ao pai dela, o estranho *Jean-Louis* (Raphaël Thiéry).

Obviamente, a narrativa do filme não é, em absoluto, linear como disposto acima. Na fronteira entre o sonho e a realidade, os anseios e o cotidiano, Guiraudie promove uma espécie de discussão ampla sobre os relacionamentos humanos, surpreendentemente descomplicados numa região tão isolada da França. Pais, filhos, netos e amantes se confundem num jogo de poder e submissão que, em momento algum, está explícito. Curiosamente, o diretor consegue ordenar um roteiro que contém atores / personagens das mais diversas faixas etárias, de recém-nascidos a octogenários, atribuindo-lhes função específica e fundamental na trama.

A própria relação entre *Leo* e *Marie* é constantemente desafiada pela presença de *Yoan* e *Marcel* (Christian Bouillette), o velho senhor com quem este vive, e que influencia diretamente (e de forma inusitada) o processual de *Leo*. Fazendo uso de imagens de conotação sexual bastante explícitas (daí a rara classificação para 18 anos, no cinema), o filme reforça o tema da dominação e do poder delegado.

As relações entre poder econômico e realização profissional também são contestadas, no confronto entre *Leo* e o produtor do filme que ele deveria estar escrevendo, e pelo qual pede constantes adiantamentos, sem conseguir entregar uma produção condizente.

A simbologia das relações entre os personagens culmina nos minutos finais do filme, de confronto entre homens e lobos (literalmente), que constantemente atacam os rebanhos de ovelhas naquela região rural. Fica claro neste momento o ponto de vista do diretor, que sintetiza suas crenças na frase final. Instigante e desafiador. Experimente.

**“Na Vertical”** (*Rester vertical* – 2016 – França - 98’) Direção: Alain Guiraudie Com: Damien Bonnard, India Hair, Raphaël Thiéry, Christian Bouillette, Basile Meilleurat, Laure Calamy, Sébastien Novac, Baptiste Roques, Adrien Marsal

## **“O Filho Uruguaio”**

Em qualquer história envolvendo a guarda de filhos pequenos, o primeiro grande reflexo é que se conceda, automaticamente, esta à mãe, geralmente considerada mais aparelhada para os cuidados com a criança. Quando a disputa envolve então o rapto, por parte do pai, da criança em questão, o julgamento turva-se imediatamente.

Nesta situação, Sylvie (Isabelle Carré, de *“Medos Privados em Lugares Públicos”*, 2006) procura há quatro anos pelo filho Felipe (Dylan Cortes), que foi sequestrado pelo pai quando da separação do casal, na França. E a polícia francesa, apesar de haver localizado o pai e a criança, nada fez, permitindo que eles escapassem de novo. Sylvie resolve então, com a ajuda do assistente social Mehdi (Ramzy Bedia, de *“Lolo”*, 2015) procurar por conta própria pela criança, no último paradeiro conhecido, uma pequena cidade no interior do Uruguai.

Em lá chegando realmente o localiza, porém surge um agravante: a criança está sendo criada pela tia, Maria (María Dupláa), e pela avó, Norma (Virginia Méndez), achando (os três) que sua mãe faleceu num acidente de carro, conforme o pai contara. Com agir? Como fazer a aproximação?

Num curioso caso de julgamento moral, *“O Filho Uruguaio”* confronta o público com o que pode ser considerado o “correto” a fazer, e o que “é o melhor” a fazer. A criança está melhor com a tia e a avó do que estaria com a mãe?

Apesar de soar como um conflito meio “novela das seis”, *“O Filho Uruguaio”* é conduzido com bastante sobriedade por Olivier Peyon (de *“Les Petites Vacances”* 2006), que procura a todo custo não tomar partidos, mesmo quando isto parece inevitável.

O fato de o roteiro ser bastante enxuto – escrito a seis mãos por Olivier Peyon, Cécilia Rouaud e Patricia Mortagne -, transforma a interpretação de praticamente todo o elenco num exercício de precisão. Destaque para o garoto Dylan Cortes, naturalíssimo como o pequeno Felipe, e para Ramzy Bedia, como o assistente social em conflito profissional, Mehdi. Experimente.

**“O Filho Uruguaio”** (Une vie ailleurs – 2017 - França / Uruguai – 96’) Direção: Olivier Peyon Com: Isabelle Carré, Ramzy Bedia, María Dupláa, Virginia Méndez, Dylan Cortes, Lucas Barreiro

### **“O Reencontro”**

A profissão de parteira é a razão de viver de *Claire* (Catherine Frot, magnífica em “*Marguerite*”, 2015). Entre um plantão e outro – numa clínica que está para ser fechada por ser não lucrativa -, ela recebe uma ligação de *Béatrice* (Catherine Deneuve, ainda deslumbrante aos 74 anos) em sua secretária eletrônica. A dúvida sobre retornar ou não a ligação se deve ao fato de que *Béatrice* é a ex-amante de seu pai, numa relação que não terminou muito bem. E qual seria o motivo da reaproximação?

O que era para ser uma pequena transição profissional – sua mudança de emprego – acaba sendo o ponto de convergência de várias questões em sua vida: o retorno de *Béatrice*; a relação com o filho, *Simon* (Quentin Dolmaire, de “*Três Lembranças da Minha Juventude*”, 2015), estudante de medicina; e seus pequenos momentos de lazer, em uma pequena horta que cultiva fora de Paris, num terreno ao lado do terreno de *Paul* (Olivier Gourmet, de “*Chocolate*”, 2015), um caminhoneiro muito mais sofisticado do que se poderia esperar.

A extravagância de *Béatrice* e a previsibilidade da vida de *Claire* são o contraponto perfeito nesta história de duas mulheres que um dia se separaram, mas foram reunidas pela própria vida. Clichê? Completamente, mas exprime bem o clima geral do filme. O diretor e roteirista Martin Provost (de “*Violette*”, 2013) escapa por pouco da pieguice total – pelos rumos que o roteiro toma -, em muito pelo desempenho sincero e comovente das duas protagonistas.

Deneuve, como a bela mulher que já viu dias melhores em termos de finanças – mas que não perde a majestade – está em seu elemento, não levando a vida muito a sério, mas sem frivolidades, Mesmo assim, tem lá seus momentos, bem comoventes. Já Catherine Frot prova que os elogios e prêmios recebidos por “*Marguerite*” foram mais do que merecidos. Sua “*Claire*” é reservada e monotônica na superfície, escondendo uma grande dor reprimida pelos anos de anulação. Ambas muito bem, em suas antagônicas posições. E complementares.

Como curiosidade, apesar do filme se passar todo na França, as cenas de parto (verdadeiras) foram todas gravadas na Bélgica, pois a lei francesa não o permite. E sim, os partos foram realizados por Catherine Frot (cinco no total). Isso é que é pesquisa para o papel. Não perca!

**“O Reencontro”** (*Sage femme* - 2017 – França – 117’) Direção: Martin Provost Com: Catherine Frot, Catherine Deneuve, Mylène Demongeot, Olivier Gourmet, Quentin Dolmaire, Pauline Parigot

### **“Perdidos em Paris”**

Há muitos anos, numa nevada cidadezinha canadense, *Martha* conta à sua sobrinha *Fiona* que está indo morar em Paris. A sobrinha diz que também vai, um dia. Anos depois, *Fiona* (Fiona Gordon) recebe uma carta de sua tia *Martha* (Emmanuelle Riva), dizendo que estão querendo colocá-la num asilo por causa de sua idade (88 anos), e pedindo ajuda. *Fiona* parte imediatamente para lá, apenas para chegar à casa da tia e descobrir que ela desapareceu.

Este pequeno resumo não diz praticamente nada desta pequena jóia da comédia francesa. Escrito e dirigido pela dupla de protagonistas - Fiona Gordon e Dominique Abel -, o filme é uma ode aos grandes mímicos franceses, na tradição de Marcel Marceau. Com muito poucos diálogos, a dupla dá um show de desempenho, numa deliciosa comédia física, como há muito não se via. Trabalhando juntos desde 1992 (no curta “*La poupée*”), a australiana Fiona e o francês Dom desenvolveram uma interação perfeita, de resultados hilariantes. Repare na cena do “*tango*”, perfeita.

Retomando a história: *Fiona* perambula pelas ruas de Paris, sofrendo todo tipo de acidente possível, e acaba conhecendo *Dom*, um sem-teto que se apaixona por ela e decide ajudá-la, mesmo contra sua vontade. E mais incidentes e gags acontecem, até que as coisas se encaminham para uma solução.

De impossível descrição, o filme precisa ser assistido. Abusando de cores em profusão – em alguns momentos lembra muito as imagens de “*Amélie Poulain*” -, a fotografia de Claire Childeric e Jean-Christophe Leforestier cria um clima de *cartoon* fundamental para o desenvolvimento da história. Até a maravilhosa Emmanuelle Riva – aqui em seu último trabalho (faleceu dois meses depois da estreia do filme)- embarca no clima e se transforma também num personagem muito peculiar. Os próprios acidentes que acontecem com *Fiona* e *Dom* em muito lembram os planos frustrados de certo coioote no deserto.

Surpreendente, nonsense, inteligente e, acima de tudo, muito divertido, “*Perdidos em Paris*” é um dos mais belos romances vistos até agora no *Festival Varilux de Cinema Francês*. Não perca!

**“Perdidos em Paris”** (*Paris pieds nus* – França - 2017- 83) Direção: Fiona Gordon e Dominique Abel Com: Fiona Gordon, Dominique Abel, Emmanuelle Riva, Pierre Richard, Emmy Boissard Paumelle, Céline Laurentie

### **“Rock'n Roll - Por Trás da Fama”**

Parece que este “*Rock'n Roll - Por Trás da Fama*” é um pouco mais autobiográfico do que seus autores pretendiam. O roteiro de Guillaume Canet, Rodolphe Lauga e Philippe Lefebvre baseia-se, segundo seus próprios autores, na vida do diretor e astro de cinema Guillaume Canet e de sua namorada, Marion Cotillard. Para começar, todos que aparecem em cena no filme – com exceção do menino *Lucien* (Tifenn Michel-Borgey), que faz o filho do casal – estão “*representando*” a si mesmos (todos os personagens são identificados pelos nomes de seus atores). E as “piadas” parecem ter um fundo morbidamente real.

É obvio que todo o terceiro ato do filme é completamente fictício, mas até chegar a ele, muita água já rolou sob aquele roteiro. O filme conta a história do ator Guillaume Canet que, chegando aos 40 anos, já não passa uma imagem “*rock'n roll*”, ou seja, já não tem o apelo necessário para atrair as plateias, principalmente as femininas. Isso dito pela co-estrela de seu filme, Camille Rowe, que no “filme-dentro-do-filme” representa a filha (!) de Canet. Ele decide provar então que ainda pode ser jovem e sedutor, com resultados desastrosos.

Paralelamente, desenrola-se o dia a dia de Canet, em casa, com sua namorada, Marion Cotillard, que se prepara para um próximo projeto do diretor Xavier Dolan (o jovem *enfant terrible* do cinema canadense atual), treinando 24 horas por dia um enfiado sotaque de Quebec, necessário para seu personagem. Não se entende uma palavra do que ela diz em boa parte do filme (mesmo para os mais fluentes em francês).

O problema é que o Canet personagem, na tentativa de refrescar sua imagem, mete os pés pelas mãos, num crescente uso de substâncias químicas e procedimentos cirúrgicos cosméticos que o vão tornando uma espécie de Doctor Rey anabolizado. Nem o *Ken* da *Barbie* tem tanto plástico no corpo.

O que deveria ser uma ácida crítica à tirania da imagem e da juventude no cinema e na TV mundial, acaba soando quase como uma desesperada tentativa de autoparódia, em busca de um sucesso que Canet não conhece (nem dirigindo, nem atuando) desde 2007, quando atuou em “*Enfim, Juntos*”, de Claude Berri, ao lado de Audrey Tautou.

O que pode ser encarado como um salutar exercício de reflexão é a atuação de Marion Cotillard, que mostra o “outro lado da fama”, sua preparação para os papéis – treinando sotaques, mancando ou gaguejando –, e uma divertidíssima paródia de Celine Dion, dublando “*Pour que tu m'aimes encore*”. Aparentemente, tudo que aparece em cena tem um fundo de verdade, apesar dos exageros. E a quantidade de prêmios “César” que eles têm (em conjunto) é de três e não quatro, como aparece no filme. De resto, parece ser um bom retrato da vida de ambos, pelo menos em boa parte do filme. Interessante em alguns momentos, definitivamente não precisava do terço final do filme. Arrisque.

**“Rock’n Roll - Por Trás da Fama”** (*Rock’n Roll* – 2017 – França – 123) Direção: Guillaume Canet Com: Guillaume Canet, Marion Cotillard, Philippe Lefebvre, Gilles Lellouche, Camille Rowe, Kev Adams, Ben Foster, Johnny Hallyday, Tifenn Michel-Borgey

## **“Rodin”**

Um verdadeiro “quem é quem” da arte e do pensamento francês no raiar do século XX, o filme “*Rodin*”, de Jacques Doillon (de “*Mes séances de lutte*”, 2013) consegue fugir da armadilha de “repreisar” o grande sucesso “*Camille Claudel*” (de Bruno Nuytten, 1988), estrelado por Isabelle Adjani e Gérard Depardieu, ou o mais recente “*Camille Claudel 1915*” (de Bruno Dumont, 2013), estrelado por Juliette Binoche e Jean-Luc Vincent, só que do ponto de vista inverso, ou seja, o romance visto por Rodin.

Não que o romance não seja um dos pontos focais deste novo filme, mas não toma conta do enredo. Este se sustenta na figura controversa do escultor, mais do que de sua libido. Apesar desta também ter muito destaque aqui. A impressão que se tem é de que *Rodin* (Vincent Lindon, de “*O Diário de Uma Camareira*”, 2015), além de um grande gênio da escultura, era absolutamente irresistível para sua mulher, sua amante, suas modelos... *Camille Claudel* (Izïa Higelin, de “*Samba*”, 2014) certamente foi a mais constante delas, superada apenas pela esposa Rose (Séverine Canele), por quem *Rodin* abandona *Camille*. Mas, neste meio tempo, outras vieram.

A ação do filme centra-se no período que vai desde a encomenda, por parte do estado francês, da obra mais ambiciosa de *Auguste Rodin* – a “*Porta do Inferno*” – até a entrega de seu trabalho mais polêmico, “*Balzac*”, considerado por muitos como grotesca (para os padrões de então). A “*Porta do Inferno*”, aliás, acabou sendo o berço de algumas das mais conhecidas obras do escultor, como “*O Beijo*” e “*O Pensador*”, que são componentes de sua estrutura. E o filme mostra o processo de criação do autor, incluindo de alguns destes clássicos.

E o que se vê em cena é o temperamento tempestuoso de *Rodin*, sua absoluta falta de freios e sua convicção de que, apesar de toda a controvérsia cercando seu

trabalho, este era seu caminho, do qual não se distanciou. O filme apresenta ainda curiosos encontros entre *Rodin* e alguns de seus pares no mundo da arte francesa do período, incluindo os pintores *Claude Monet* (Olivier Cadiot) e *Paul Cézanne* (Arthur Nauzyciel), e os escritores *Victor Hugo* (Bernard Verley) e *Rainer Maria Rilke* (Anders Danielsen Lie).

De ritmo lento e fotografia beirando o monocromático, “*Rodin*” lança luz sobre o autor, evitando tomar partido. Parte em defesa de sua obra, e não do homem. Ponto para o diretor e roteirista Doillon. *Não perca!*

“*Rodin*” (2017 - França / Bélgica – 119’) Direção: Jacques Doillon Com: Vincent Lindon, Izia Higelin, Séverine Caneele, Olivier Cadiot, Arthur Nauzyciel, Bernard Verley

### **“*Tal Mãe, Tal Filha*”**

A figura de Juliette Binoche não é automaticamente associada a comédias no cinema. Mas, pelo que se vê em “*Tal Mãe, Tal Filha*”, não é uma aposta tão ruim assim. Porque Binoche se sai bem, até quando o filme permite.

A premissa, um tanto insólita: *Avril* (Camille Cottin), 30 anos, técnica num laboratório de essências, tem uma vida completamente organizada, a não ser por dois detalhes: divide apartamento com o namorado, *Louis* (Michaël Dichter), desempregado desenvolvendo seu interminável mestrado, e com a mãe, *Mado* (Juliette Binoche), 47 anos em retardada adolescência e sem ocupação definida, vivendo à custa da filha.

E ambas, tanto mãe quanto filha, ficam grávidas quase ao mesmo tempo. A coisa se complica mais ainda quando a mãe tenta esconder sua condição, e logo depois, esconder quem seja o pai da criança – no caso, seu ex-marido e pai de *Avril*, *Marc* (Lambert Wilson), maestro prestes a rumar a Berlim para reger, por tempo indefinido.

Apesar de muito próximas, claramente afetam negativamente uma à outra, mãe e filha. Decidem então se separar e *Avril* muda-se com *Louis* para casa dos pais

dele, de onde ele havia fugido em desabalada carreira, em função da maneira possessiva como sua mãe lidava com ele, infantilizando-o sempre que possível. E a coisa não muda muito com a chegada de *Avril*.

A comédia evolui à custa de algumas *gags* de gosto um pouco duvidoso, envolvendo situações típicas da gravidez – no caso, exponencialmente amplificadas –, até a previsível catarse final, com a(s) chegada(s) das crianças, que têm entre si o intrincado laço de serem um sobrinho meses mais velho que o tio (!).

Comédia morna, o filme tem seus melhores momentos com a presença do sempre competente Lambert Wilson, aqui mais simpático que o usual. Sua interação com Juliette Binoche torna as cenas entre ambos extremamente críveis e fluidas. Já Camille Cottin (de “*Aliados*”, 2016), como a estressada *Avril*, não consegue tanto a cumplicidade da plateia, talvez em função de certo egocentrismo em sua atitude.

A diretora e roteirista Noémie Saglio – do estranho “*Beije Uma Garota*” (2015), um daqueles roteiros que pregam a possibilidade de “*cura gay*” – volta aqui sua atenção para uma história igualmente estranha, numa valorização do processo “reprodutivo” sobre a emancipação feminina, dando a entender que a maternidade ainda supera qualquer outro tipo de realização pessoal ou profissional. Estranho. De qualquer forma, não chega a ser um mau filme, apenas meio deslocado.

**“*Tal Mãe, Tal Filha*”** (*Telle mère, telle fille* - 2017 – França – 94) Direção: Noémie Saglio  
Com: Juliette Binoche, Camille Cottin, Lambert Wilson, Catherine Jacob, Jean-Luc Bideau, Michaël Dichter, Stéfi Celma, Philippe Vieux

### **“*Tour de France*”**

O mais recente filme do ator, roteirista e diretor Rachid Djaïdani (de “*Rengaine*”, 2012), “*Tour de France*”, funciona como um contundente retrato da situação social que a França enfrenta nos dias que correm: cidadãos de outras etnias – principalmente de origem árabe – não são aceitos como “*verdadeiros*

*franceses*”, mesmo havendo nascido no país. O conflito social vive à beira de explodir a qualquer momento.

Neste ponto, o promissor rapper *Far’Hook* (Sadek, um sucesso da música francesa atual, estreando no cinema), entra em confronto com outro rapper que o jura de morte, e tem que se “*recolher*” por um tempo, até que a poeira baixe. Seu produtor, *Bilal* (Nicolas Marétheu), lhe pede então que acompanhe, como motorista, seu pai, o empreiteiro *Serge* (Gérard Depardieu), numa viagem pelos portos franceses. *Serge* tem como hobby a pintura, e quer reproduzir o trajeto que o pintor francês Joseph Vernet (1714-1789) cobriu, retratando portos franceses a serviço do rei Luiz XV; ou seja, a “*Tour de France*” do título original.

O que torna “*Tour de France*” muito oportuno é o fato de que, ao assisti-lo, percebe-se que o conflito étnico é apenas a ponta do iceberg, na França atual. Não são apenas os “*estrangeiros*” que não são bem aceitos, mas também qualquer um que possa estar – ou se sentir – à beira do extrato social. O próprio *Serge*, a princípio orgulhoso e com todo o preconceito que nutre pelos estrangeiros, aos poucos vai se percebendo tão deslocado quanto *Far’Hook*, dentro de seu próprio país (de ambos, aliás).

O fato de *Serge* e seu filho *Mathias* (*Bilal* é seu nome muçulmano, a religião que abraçou) não estarem se falando, e tanto ele quanto *Far’Hook* não estarem nem um pouco interessados em conhecer o outro lado da moeda, ou se dar a conhecer, transforma a viagem de ambos num cabo de guerra disfarçado em bom convívio, até que este realmente acontece. E a improvável amizade tem muito da relação pai/filho de que ambos tanto sentem falta.

Terno e emocionante, o filme é valorizado ainda mais pela surpreendente interpretação do estreante Sadek, assim como por um Depardieu muito mais contido do que o normal, mas nem por isso, menos carismático. Não perca!

**“*Tour de France*”** (2016 – França – 94’) Direção: Rachid Djaïdani Com: Gérard Depardieu, Sadek, Louise Grinberg, Nicolas Marétheu, Mabô Kouyaté, Raounaki Chaudron

## **“Uma Família de Dois”**

O cinema francês está, paulatinamente, se adaptando a um mundo sem fronteiras – tecnológicas, principalmente – e dando a entender que pode sim realizar produções de forte apelo comercial, sem abrir mão de qualidade. O mais recente exemplo disto é “*Uma Família de Dois*” (*Demain tout commence*, 2016), que chega ao Brasil pelo *Festival Varilux de Cinema Francês*.

No filme de Hugo Gélin (roteirista de “*A Gaiola Dourada*”, 2013), *Samuel* (o ídolo da vez, o sempre simpático Omar Sy, de “*Chocolate*”, 2016 e “*Intocáveis*”, 2011), é um inconsequente “*faz tudo*” num resort do sul da França, atormentando a vida da proprietária *Samantha* (Clémentine Célarié). Até que, num belo dia, surge *Kristin* (Clémence Poésy, de “*O Último Amor de Mr. Morgan*”, 2013) trazendo no colo uma garotinha de 3 meses de idade, fruto da aventura deles – ela e *Samuel* – no verão passado. Larga a criança com *Samuel* e desaparece.

Ele, desorientado, vai a Londres tentar encontrá-la e, não conseguindo, acaba ficando por lá, hospedado por um novo e divertido amigo, o produtor de elenco *Bernie* (Antoine Bertrand, excelente), e trabalhando como dublê de cinema. E vai criando a pequena *Gloria* (Gloria Colston) até que um dia *Kristin* reaparece, querendo recuperar o tempo perdido com a filha.

Refilmagem literal do filme mexicano “*Não Aceitamos Devoluções*” (2013), escrito e protagonizado por Eugenio Derbez (cujo roteiro original foi “retrabalhado” a 12 mãos para a versão francesa), “*Uma Família de Dois*” foi grande sucesso na França, onde alcançou 3 milhões de espectadores, e deve seguir boa carreira mundo afora, na medida em que abandona qualquer tipo de regionalismo, apresentando um produto facilmente assimilável. O filme é falado em francês e inglês (e faz até brincadeiras com as dificuldades linguísticas do protagonista), se passa entre Marselha e Londres, é etnicamente correto, e tem trilha sonora em inglês (supremo sacrilégio) bastante pasteurizado.

Feito para emocionar, abusa da relação *pai / filha / mãe*, com o tema do abandono e da reconciliação, apelando até para uma questão de saúde, no terceiro ato. Todo mundo é bacana, as locações são belíssimas, o apartamento do protagonista é um sonho (fora ser um caso perfeito de “product placement” da *Legó*

e da *Playmobil*), ou seja, tem para todos os gostos. E a presença de Omar Sy valida e garante a diversão. Experimente.

**“Uma Família de Dois”** (*Demain tout commence* – 2016 - França/Reino Unido – 118’)  
Direção: Hugo Gélin Com: Omar Sy, Clémence Poésy, Antoine Bertrand, Ashley Walters, Gloria Colston, Clémentine Célarié, Anna Cottis

### **“Um Instante de Amor”**

Numa época em que chegar perto dos 30 anos de idade solteira era um verdadeiro atestado de “encalhe” para qualquer mulher (ao final da II Guerra Mundial), ter pretensões ao “amor verdadeiro” então, beirava a insanidade.

Esta era mais ou menos a situação de *Gabrielle* (Marion Cotillard, de “*Aliados*”, 2016), que viva numa pequena vila ao sul da França, e preocupava cada vez mais os pais. Num ato de desespero, eles a casam com *José* (Alex Brendemühl, de “*Truman*” 2015), um empreiteiro basco que trabalhava para eles, e que demonstrava se interessar profundamente por *Gabrielle*. O que, de fato, era verdade. Assim como também era verdade ela não ter o menor interesse por ele, e aceitar bem contra a vontade o casamento.

E a união beira o marasmo – incluindo aí uma patológica incapacidade de *Gabrielle* em engravidar - até que ela é enviada a uma clínica nos Alpes, para um tratamento de pedras no rim (as tais “*Mal de Pierres*” do título original). Em lá chegando, acaba por conhecer *André Sauvage* (Louis Garrel, de “*Meu Rei*”, 2015) veterano da Guerra da Indochina, por quem se apaixona profundamente. Sua devoção a André e o estado de saúde deste, que parece não melhorar, passam a pautar a vida de *Gabrielle*, que anseia fugir dali com ele.

Em ritmo bastante lento, a diretora e co-roteirista Nicole Garcia vai apresentando a malfadada história de *Gabrielle* e sua paixão avassaladora pelo frágil *André*. Baseado no romance “*Mal di Pietre*”, de Milena Agus, o roteiro tem sua locação alterada – com relação ao livro original - da Sardenha, na Itália, para a Provence, na França, tirando proveito da natural fotogenia da região,

principalmente numa paisagem de inverno. Como curiosidade, a locação utilizada para a clínica nos Alpes é a mesma instalação vista recentemente no filme “*Juventude*” (2015), de Paolo Sorrentino.

A discussão que o tema suscita – paixão versus convenções sociais – cabe como uma luva ao período retratado no filme. E Marion Cotillard consegue transmitir com sutileza a ânsia desta mulher que, a princípio desafiada em seu primeiro amor - não correspondido e, portanto, frustrante - cede a um casamento frio e sereno, até a paixão atingi-la sem aviso ou limite.

Discutível apenas a tipificação da ânsia de *Gabrielle* como uma carência física, e a necessidade de explicações ao final do filme, quebrando um pouco o tom onírico de fábula romântica, que vinha sendo paulatinamente construído. Mas, de qualquer forma, merece a vista.

**“Um Instante de Amor”** (*Mal de Pierres* – França/Bélgica/Canadá - 2016 – 120’) Direção: Nicole Garcia Com: Marion Cotillard, Louis Garrel, Alex Brendemühl, Brigitte Roüan, Victoire Du Bois, Aloïse Sauvage, Daniel Para, Jihwan Kim

### **“Um Perfil Para Dois”**

Apresentado no Festival Varilux deste ano, “*Um Perfil Para Dois*”, de Stéphane Robelin (de “*E se Vivêssemos Todos Juntos?*”, 2011), conta a história de *Pierre* (Pierre Richard), um idoso que vive sozinho depois da morte da esposa, o que preocupa bastante a filha *Sylvie* (Stéphane Bissot). Tentando motivar o pai, *Sylvie* contrata *Alex* (Yaniss Lespert), aspirante a escritor que namora sua filha, para ensinar noções de informática ao pai, para este restabelecer contato com o mundo.

Segue-se certa má-vontade de *Alex* para com *Pierre* – cujos progressos no aprendizado são lentos e geram as tradicionais piadinhas com “*Windows*” (*janelas*) e outros softwares -, até que este começa a se interessar um pouco mais, e acaba entrando em um site de relacionamentos e se corresponde com uma bela garota, *Flora* (Fanny Valette). Até aí, tudo ótimo, não tivesse *Pierre* cometido um pequeno delito: colocou a foto de *Alex* (com idade quase para ser seu neto) em sua foto de

perfil e marcou um encontro com *Flora*. Apaixonado pela garota, não quer perder a chance de conhecê-la e para tanto precisa convencer *Alex* a ir em seu lugar ao encontro.

Típica comédia de erros (romântica, neste caso) francesa, o roteiro (também do diretor Robelin) faz muito bom uso do bom-mocismo de Yaniss Lespert (ator da TV francesa, eminentemente) no papel de *Alex*, compondo uma dupla muito interessante com o veterano Pierre Richard, que em sua prolífica carreira (quase 100 créditos em cinema e TV), esteve recentemente no divertido “*Perdidos em Paris*” (2016).

A leve crítica social do filme atinge desde os cuidados reservados aos idosos na sociedade francesa atual, até a questão da exclusão digital, quando a inabilidade de adequação destes indivíduos aos artefatos de comunicação mais sofisticados pode gerar grave fator de dependência.

Mas o filme não se apoia basicamente nesta questão, reservando mais espaço para o romance – tanto o extemporâneo entre *Pierre* e *Flora*, quanto a contrapartida de *Alex*, no transcorrer da trama. A questão fundamental é: *Flora* se apaixona pela personalidade de *Pierre* (que conheceu virtualmente), ou pela aparência e charme de *Alex*, que encontrou pessoalmente? E qual o papel de cada um deles neste romance? Leve e divertido, vale principalmente pelo par de protagonistas. Experimente.

**“Um Perfil para Dois”** (*Un profil pour deux* – 2017 - Áustria/França/Bélgica/Alemanha – 99’) Direção: Stéphane Robelin Com: Pierre Richard, Yaniss Lespert, Fanny Valette, Stéphane Bissot, Stéphanie Crayencour, Gustave Kervern, Macha Méril, Anna Bederke

FESTIVAL  
**VARILUX**  
DE **CINEMA**  
**FRANÇÈS**  
2018



## **“A Aparição”**

Denso drama, “A Aparição” que a princípio parece que ruma para se tornar uma versão sem pirotecnia de “O Código Da Vinci”, com o desenrolar se transforma numa interessante investigação do processo de estruturação de um mito, mesmo que baseado em verdadeiros sentimentos e/ou eventos, a partir do roteiro do também diretor Xavier Giannoli (o mesmo do delicioso “*Marguerite*”, 2015).

Jacques Mayano (Vincent Lindon, de “*Rodin*”, 2017), repórter investigativo de um jornal francês, recebe repentinamente uma ligação do Vaticano, pedindo que ele vá a uma reunião na Santa Sé. O assunto só poderá ser discutido lá.

Ao chegar, toma contato com uma estranha ocorrência: num vilarejo francês, uma jovem de 18 anos, Anna (Galatée Bellugi), afirma ter presenciado uma aparição da Virgem Maria, a notícia está se espalhando. Com medo de perder o controle da situação, a Igreja Católica quer enviar uma comissão ao local das supostas aparições. E querem que Jacques faça parte da missão.

Ele estranha, na medida em que não é um católico fervoroso, mas na realidade isto é um ponto a seu favor, pois seu enfoque da situação será menos passional. O ceticismo tem suas vantagens.

Já no vilarejo, ele conhece Anna e todos os que a rodeiam e alimentam esta situação, incluindo o pároco local. Com o passar dos dias, Jacques vai se convencendo cada vez mais de que Anna esconde algo, mas não duvida que ela tenha de alguma maneira se envolvido em algum acontecimento místico extremamente poderoso.

Ao mesmo tempo, presencia o desenrolar da investigação da Igreja, bem como também a interferência da mídia e dos religiosos locais, que cada vez mais tentam envolver Anna numa aura de beatitude e mistério. Anna, por sua vez, parece sofrer toda esta pressão, fisicamente. Confira.

**“A Aparição”** (*L'apparition* - 2018 – Drama – 2h17) Direção: Xavier Giannoli Com: Vincent Lindon, Galatea Bellugi, Patrick d'Assunção, Anatole Taubman, Elina Löwensohn, Claude Lévêque, Alicia Hava

## **“A Excêntrica Família de Gaspard”**

*Laura* (Laetitia Dosch, de “*Jovem Mulher*”, 2017) está mochilando pela França quando conhece *Gaspard* (Félix Moati, de “*Insubstituível*”, 2016). Ele está indo para uma reunião de família e propõe que ela o acompanhe, fazendo as vezes de sua namorada. Ela aceita e vai, aos poucos, conhecendo “*A Excêntrica Família de Gaspard*”.

O novo filme do diretor e roteirista Antony Cordier (de “*À Flor da Pele*”, 2005) aposta no equilíbrio entre drama familiar e comédia de costumes, apoiando-se principalmente num texto fluido, e numa trama que nunca leva ao resultado mais fácil para o espectador.

*Gaspard* é o irmão do meio dos três filhos do alternativo e mulherengo *Max* (Johan Heldenbergh, de “*Carnívoras*”, 2018), que está se casando novamente, desta vez com *Peggy* (Marina Foïs, de “*Irrepreensível*”, 2016). Seus irmãos, *Virgil* (Guillaume Gouix, de “*Os Anarquistas*”, 2015) e *Coline* (Christa Thérêt, de “*Marguerite*”, 2015), trabalham com o pai e *Peggy* no zoológico da família, onde também residem, e de onde *Gaspard* se afastou, para estudar em Paris.

A relação entre os irmãos, marcada pela ambiguidade, já é uma atração à parte no roteiro. Beirando o incesto, *Gaspard* e *Coline* se ressentem muito da morte da mãe, quando ainda eram crianças. Já *Virgil* acaba sendo o elemento cerebral na irmandade, responsável (mesmo que sem entusiasmo) pela administração do negócio da família, que não vai bem. E todos vivem sob a tutela do tresloucado pai.

As relações familiares (numa família que nem é tão excêntrica assim), os dramas pessoais de cada um dos personagens, assim como a evolução da relação entre *Gaspard* e *Laura*, são as molas mestras deste interessante (porém não muito marcante) filme francês, que deve encontrar seu público entre os nascidos na geração Y, que hesitam abandonar o ninho familiar para consumir suas próprias realizações. Confira.

**“A Excêntrica Família de Gaspard”** (*Gaspard va au mariage* - 2018 - Comédia - 1h43)  
Direção: Antony Cordier Com: Félix Moati, Laetitia Dosch, Christa Thérêt, Marine Foïs, Johan Heldenbergh, Guillaume Gouix

## **“A Noite Devorou o Mundo”**

Inusitado, é o mínimo que se pode dizer a respeito de “*A Noite Devorou o Mundo*”, um filme francês... Repleto de mortos-vivos! Não que estes sejam exclusividade do cinema (ou televisão) norte-americano, mas não é exatamente um tema que se associe à cinematografia francesa.

Pelo menos, numa primeira vista. Mas, a partir que a trama se desenvolve, percebe-se que a exclusão, a sobrevivência e a solidão do protagonista são muito mais universais do que poderia esperar.

O roteiro – de Jérémie Guez, Guillaume Lemans e do diretor estreante Dominique Rocher – é baseado no livro de mesmo nome do francês Martin Page (escrito sob o pseudônimo de Pit Agarmen), e conta a história de Sam (o norueguês Anders Danielsen Lie, visto em “*Rodin*”, 2017) que, ao buscar alguns pertences seus na casa de uma ex-namorada, Fanny (Sigrid Bouaziz), se depara com uma festa para muitos convidados, dos quais não conhece nenhum. Depois de um pequeno acidente, adormece no escritório do apartamento, apenas para despertar no dia seguinte e descobrir, para seu horror, que Paris está dominada por zumbis. Assim, sem maiores explicações, deve garantir sua sobrevivência a qualquer custo, ilhando-se no apartamento.

O completo isolamento, a solidão - apesar de vislumbrar alguns zumbis pelas janelas, nas ruas abaixo ou nos corredores do prédio – e a constante tensão, transformam a vida de Sam, e ele passa a recolher alimentos e provisões nos apartamentos vizinhos. Consegue prender um dos vizinhos transformado em zumbi, o médico Alfred (Denis Lavant), no elevador pantográfico do prédio e trava, periodicamente, longos “diálogos” com ele. E este parece ser seu único vínculo com a racionalidade (!).

Curiosa fábula, onde o protagonista aprende a lidar com a solidão a partir de algumas muito interessantes experiências musicais – que o mantêm são, mas também quase lhe custam a vida -, “*A Noite Devorou o Mundo*” discute o poder da sugestão e da engenhosidade para a manutenção da sobriedade frente a um cotidiano literalmente de ponta cabeça. Um verdadeiro *tour de force* do protagonista, Anders Danielsen Lie. Confira.

**“A Noite Devorou o Mundo”** (*La nuit a dévoré le monde* - 2018 - Horror – 1h34) Direção: Dominique Rocher Com: Anders Danielsen Lie, Golshifteh Farahani, Denis Lavant, Sigrid Bouaziz, David Kammenos

## **“A Raposa Má”**

Num belo exemplo de inteligência e simplicidade, a animação “*A Raposa Má*” trata seu público, primordialmente infantil, com o devido respeito, ao mesmo tempo, divertindo. Sem apelar para exaustivas gags visuais ou sofisticados diálogos, as personagens do filme de Benjamin Renner e Patrick Imbert falam a linguagem simples e natural da criança, sem banalizá-la.

Os personagens são muito bem caracterizados, com as histórias se centrando em quatro principais: um porquinho, inteligente e organizado, um coelho e um pato, ambos completamente sem noção, e a raposa, esperta e de bom coração (ao contrário do que o título alardeia).

Os animais fazem parte de uma trupe teatral, e encenam um espetáculo em três atos, contando em cada um uma história, com o revezamento dos personagens. Há ainda uma cegonha folgada, que delega suas entregas; um time de galinhas que resolvem ir à forra contra predadores; pintinhos que acham que são pequenas raposas; e, provavelmente o mais interessante deles (especialmente para os adultos), um lobo completamente mal intencionado, mas com uma paciência muito elástica. Delicioso.

A história faz ainda referências que, mesmo passando batidas às crianças, podem chamar a atenção dos pais, tais como o tema musical de “*Psicose*” (1960), o voo em frente à Lua de “*E.T. - O Extraterrestre*” (1982), e os três pais adotivos de “*Três Homens e um Bebê*” (1985), entre outras. Repare, inclusive, nos créditos finais: enquanto as letras sobem, um faxineiro limpa o palco do teatro para, ao final, executar seu solo, mesmo que a sala esteja vazia.

Desenhos simples, claros e extremamente bem solucionados garantem a diversão da garotada, além de um roteiro muito bom, renderam a esta animação

três indicações aos *Annie Awards* 2018 (o Oscar da animação norte-americana), além de um *César Award* e um *Lumiere Award*, em 2018, ambos como Melhor Filme de Animação. Confira.

**“A Raposa Má”** (*Le grand méchant renard et autres contes* - 2017 – Animação – 1h20) De Benjamin Renner e Patrick Imbert

## **“Carnívoras”**

Mona (Leïla Bekhti) e Sam (Zita Hanrot) são irmãs, e não poderiam ser mais diferentes. Enquanto Sam é uma atriz intuitiva, que encontrou a fama rapidamente, Mona é mais cerebral e peleja para conseguir pequenos papéis, sem muito sucesso. Trabalhando como assistente pessoal de Sam durante uma filmagem, Mona começa a tomar conta de toda a vida da irmã que, de bom grado, lhe delega cada vez mais responsabilidades.

Estas responsabilidades incluem os cuidados com Manuel (Bastien Bouillon) e Tom (Octave Bossuet), marido e filho de Sam, que os negligencia cada vez mais. Inconstante, Sam ainda prejudica a agenda de filmagens, levando o diretor, Paul Brozek (Johan Heldenbergh) ao ponto de cogitar substituí-la.

Num de seus rompantes, Sam desaparece, enquanto Mona assume suas atividades, sendo inclusive contratada para desempenhar um papel que a Sam era destinado. A personagem é tão desagradável que a própria família absorve a presença de Mona em seu lugar, sem muito cogitar. E passasse quase um ano até Sam dar sinal de vida, telefonando para Mona. É hora do acerto de contas entre as irmãs.

Com uma trama, em alguns momentos, bastante previsível, o roteiro – escrito por seis pessoas, incluindo os diretores – faz uso de um dos mais conhecidos estratégias da história do cinema, ou seja, a rivalidade entre irmãos ou irmãs. Esta trama, aliás também é bastante recorrente em teledramaturgia, inclusive no grande sucesso da TV Globo, a novela “*Dancin’ Days*” (1978), com a rivalidade entre Julia Matos (Sônia Braga) e Yolanda Pratini (Joana Fomm), terminando numa das

mais catárticas cenas de briga que a TV brasileira já viu. E esta cena, por sua vez, emulava a cena de briga entre as duas “amigas-quase-irmãs” Shirley MacLaine e Anne Bancroft, no sucesso “*Momento de Decisão*” (1977).

O mesmo não se pode dizer do filme de estreia dos irmãos Jérémie e Yannick Renier (Jérémie Renier também protagoniza “*O Amante Duplo*”, igualmente em cartaz no Festival Varilux), cujo desenlace se dá de maneira violenta e quase alegórica, não causando empatia no espectador, com sua finalização aberta. Nesta produção dos irmãos Jean-Pierre e Luc Dardenne, em muito contribui para o desconforto do público a falta de conexão com qualquer uma das duas protagonistas, dificultando a vida de quem pretenda tomar qualquer partido. Experimente.

**“Carnívoras”** (*Carnivores* - 2018 – 1h38) Direção: Jérémie e Yannick Renier Com: Leïla Bekhti, Zita Hanrot, Hiam Abbass, Bastien Bouillon, Johan Heldenbergh, Octave Bossuet

### **“50 São os Novos 30”**

Aquela não está sendo uma boa semana para *Marie Francine* (Valérie Lemercier). Ela acaba de saber que o marido se apaixonou por outra mulher – bem mais jovem que ela -, perde seu emprego como pesquisadora de células-tronco e, portanto, não consegue alugar um apartamento. Solução: voltar a morar com os pais (Hélène Vincent e Philippe Laudenbach), mesmo sem muito entusiasmo da parte deles, e já tendo 50 anos.

Quando ela se instala na casa dos pais, a situação inverte-se e ela passa a ser tratada como uma inexperiente adolescente, com horário para chegar e contas a prestar. Sem falar na constante comparação com a irmã gêmea, *Marie-Noëlle* (a mesma Valérie Lemercier), e a dificuldade em conseguir outro emprego. Os pais então, à sua revelia, resolvem investir numa franquía de cigarros eletrônicos, para que ela tenha algo para fazer. Abrem a loja e ela, sem a menor experiência ou talento para tal, passa a administrá-la.

Entre um desastre e outro com os clientes, ela acaba conhecendo o *chef* de um restaurante vizinho, *Miguel* (Patrick Timsit), que vai aos poucos tentando se

aproximar, interessado pela estranha *Marie-Francine*. O que nenhum dos dois revela ao outro é o fato de estarem ambos na mesma situação, ou seja, abandonados, em dificuldades financeiras e vivendo com os pais. *Miguel* tem ainda, sob seus cuidados, o filho pré-adolescente, *Hélio* (Simon Perlmutter), que nas horas vagas é seu aprendiz no restaurante.

Comédia leve e despretensiosa, escrita, dirigida e estrelada por Valérie Lemercier, que aposta no charme das personagens e na situação inusitada – o retorno à casa paterna de filhos anteriormente emancipados –, quer por razões sentimentais, quer por econômicas. O filme consegue impressionante comunicação com seu público – quanto maior a proximidade com a idade da protagonista, maior a empatia – arrancando risos e criando cumplicidade com todos.

A protagonista não é necessariamente bela, seu par também não, mas acabam formando um casal não convencional muito interessante. Outra estranheza, a princípio, é a trilha sonora composta de fados e canções portuguesas, meio deslocadas no contexto. É que os pais de *Miguel* são portugueses (ouve-se até um pouco do idioma durante o filme) e isso justifica a presença das canções. Repare ainda em uma insólita versão do frevo “*Balancê*” (de Alberto Ribeiro e João de Barro, que foi sucesso nas vozes de Carmen Miranda e de Gal Costa), cantada em francês! Um filme simples e divertido. Confira.

**“50 São os Novos 30”** (*Marie Francine* - 2017 - Comédia - 1h35) Direção: Valérie Lemercier Com Valérie Lemercier, Patrick Timsit, Hélène Vincent, Philippe Laudenbach, Denis Podalydès, Nadège Beausson-Diagne

### **“Custódia”**

O casal Antoine (Denis Ménochet, intimidante) e Miriam Besson (Léa Drucker), em processo de divórcio, está em disputa pela guarda dos filhos. Ela quer a guarda exclusiva, enquanto ele – que inclusive mudou de cidade para ficar perto dos filhos – pede guarda compartilhada. Apesar dos protestos da mulher e até dos filhos – Julien (Thomas Gioria, excelente) de 11 anos, e Josephine (Mathilde Auneveux), prestes a completar 18 anos –, a juíza do caso concede a guarda

compartilhada, a favor do pai. A partir deste ponto passa-se a conhecer mais o verdadeiro Antoine.

Obsessivo, o pai passa a tornar a vida da família um verdadeiro pesadelo. O filho não quer acompanhá-lo nas visitas quinzenais, mas é forçado por lei a fazê-lo. O pai quer saber detalhes da vida da mãe e da filha, que aliás não facilita em nada para ninguém, envolvendo-se com Samuel (Mathieu Saikaly), mesmo contra a vontade de seu pai.

Miriam, sem dar conhecimento a Antoine, muda de endereço com os filhos, o que vai estremecer ainda mais as relações entre eles. Por esta e outras situações, o pequeno Julien se torna um valioso componente neste cabo de guerra entre Antoine e Miriam, que eventualmente se torna muito mais violento do que se poderia esperar.

Crônica de uma tragédia anunciada, em crescente clima de violência, “*Custódia*” é um acurado comentário sobre as relações interfamiliares numa situação limite como um divórcio e um processo de disputa de guarda. Merecidamente, o filme foi premiado no Festival de Veneza 2017 com os prêmios Luigi De Laurentiis e o Leão de Prata, ambos para o diretor, Xavier Legrand.

O filme, curiosamente, é o primeiro longa escrito e dirigido pelo ator Xavier Legrand (visto em “*Amantes Constantes*”, 2005), dando mostras de segurança ímpar, principalmente na direção de atores, ponto forte de “*Custódia*”. Destaque para a ameaçadora figura de Denis Ménochet (visto em “*7 Dias em Entebbe*”, 2018), e o garoto Thomas Gioria, estreando no cinema. Não perca!

**“*Custódia*”** (*Jusqu'à la garde* - 2017 - 1h33) Direção: Xavier Legrand Com: Denis Ménochet, Léa Drucker, Mathilde Auneveux, Thomas Gioria, Mathieu Saikaly

### **“*De Carona para o Amor*”**

Executivo de uma grande empresa de artigos esportivos, *Jocelyn* (Franck Dubosc), é um sedutor absolutamente misógino e praticamente sem nenhum

prurido. Utiliza-se de qualquer tipo de história para conseguir se aproximar de uma mulher. Aliás, quanto mais fantasiosa a história, melhor.

Acontece que, com a morte de sua mãe, ele acaba no apartamento dela, revendo cartas e fotos de família. Quando a nova vizinha o surpreende sentado na cadeira de rodas da mãe, ele embarca na mentira. A bela jovem, *Julie* (Caroline Anglade), é cuidadora de idosos e deficientes e rapidamente se interessa pelo “caso” de *Jocelyn*, que não desmente o mal entendido. Começam a se relacionar – pelo menos é o que ele acha – até que, num final de semana, ela o convida a almoçar na casa dos pais. Na realidade, seu plano é aproximar *Jocelyn* de sua irmã, *Florence* (Alexandra Lamy), que também é cadeirante.

A partir deste ponto, *Jocelyn* passa a se interessar realmente por *Florence*, e tem que manter a mentira para conseguir se aproximar cada vez mais. Ou arriscar a sorte de contar a verdade e perdê-la definitivamente.

Interessante comédia de estreia na direção do roteirista e ator Franck Dubosc, arriscando ofender a gregos e troianos, ao fazer graça com tema delicado como a deficiência da protagonista. Beirando o mau gosto, ele consegue superar o estranhamento do público que, a partir do meio da história já está rindo descaradamente das inevitáveis piadas sobre os mais variados tipos de deficiência, de altura a visão ou mobilidade restrita.

Em muito colabora o charme do elenco, especialmente afinado, incluindo dois indispensáveis apoios ao protagonista: seu médico e confidente, *Max* (Gérard Darmon), e a secretária, *Marie* (Elsa Zylberstein), completamente apaixonada pelo patrão, sem tentar disfarçar muito. Ou ainda seu irmão gêmeo, *Julien* (Laurent Bateau), cuja semelhança com *Jocelyn* se resume ao branco dos olhos. E seu pai, vivido por Claude Brasseur, que vive num retiro e também é alvo do humor politicamente incorreto do roteiro.

De qualquer maneira, a história tem algumas soluções bastante interessantes, e um pouco de humor, mesmo que incorreto, não faz mal a ninguém. Ainda mais apoiado em romance. Confira.

**“De Carona para o Amor”** (*Tout le monde debout* - 2018 – 1h47) Direção: Franck Dubosc Com: Franck Dubosc, Alexandra Lamy, Elsa Zylberstein, Gérard Darmon, Caroline Anglade, Laurent Bateau, Claude Brasseur

### **“Gauguin – Viagem ao Taiti”**

No final do século XIX, mais precisamente em 1891, o pintor Paul Gauguin (Vincent Cassel) se sente sufocado pelo mundo artístico parisiense e, apesar de sérias dificuldades financeiras, organiza sua partida, junto com sua família, para o que considera o “*Paráiso Perdido*”, o Taiti. Só que não consegue convencer sua esposa, a dinamarquesa Mette (Pernille Bergendorff) a acompanhá-lo com os filhos em tão arriscada aventura. Ele parte então sozinho, disposto a estabelecer-se da maneira mais simples e natural possível. O que consegue.

Gauguin passa então a morar numa cabana de pescadores em Mataiera, uma vila afastada da capital, Papeete. Em condições precárias de salubridade, sua saúde vai decaindo dia a dia. Sua pintura tende cada vez mais ao primitivo quase *naïf*, até que ele conhece Tehura (Tuheï Adams), uma jovem de uma aldeia próxima que se interessa imediatamente por ele, assim como ele por ela. Vão morar juntos e ela passa a ser sua musa, numa série de obras que acabaram por imortalizar o nome do artista pelo mundo. Mas, infelizmente, nada disso aconteceu imediatamente.

A saúde fragilizada de Gauguin é objeto de preocupação do médico local, Henri Vallin (Malik Zidi), que tenta a qualquer custo que ele volte a Paris para tratamento, nem que seja deportado como indigente, o que seria uma alternativa para a total falta de dinheiro do artista. Ele se recusa, na medida em que teria que abandonar Tehura.

O que o roteiro – escrito a oito mãos por Edouard Deluc, Etienne Comar, Thomas Lilti e Sarah Kaminsky – omite (ou adota como licença poética) é a quantidade de idas e vindas de Gauguin tanto a outros países da Europa – como a Dinamarca, por exemplo, para encontrar a esposa e os filhos e tratar de seu divórcio – como ao Pacífico Sul, onde ele eventualmente vem a falecer (de sífilis), nas

Ilhas Marquesas, em 1903. Ou, mais sintomático da intenção se suavizar a situação envolvendo o casal, o fato de Gauguin ter 48 anos de idade ao tomar Tehura, de 13 anos de idade, como companheira.

O ponto positivo é a escolha de Vincent Cassel como protagonista, sempre uma figura empática e envolvente, mesmo quando a personagem não o é. Juízo de valores à parte, o filme parece não se decidir entre o drama histórico ou o romance outonal do protagonista, com um ritmo lento e uma fotografia pouco luminosa – principalmente levando-se em conta a exuberância das locações – que não ajudam muito no envolvimento do espectador. De qualquer forma, experimente.

**“Gauguin – Viagem ao Taiti”** (*Gauguin – Voyage de Tahiti* - 2017 - 1h41) Direção: Edouard Deluc Com Vincent Cassel, Tuheï Adams, Malik Zidi, Pua-Taï Hikutini, Pernille Bergendorff, Marc Barbé

## **“Marvin”**

Uma infância difícil pode ser extremamente determinante na vida de uma pessoa. *Marvin Bijoux* (o estreante Jules Porier quando criança, e o franco-britânico Finnegan Oldfield, de “*A Vida de uma Mulher*”, 2016, quando adulto) é a prova viva disso. Do enfrentamento a que era exposto na escola, pelos meninos maiores – a quem apaticamente se submetia –, à constante ameaça de castigos corporais (nunca efetivamente concretizados) por parte do pai abusivo, *Dany* (Grégory Gadebois, excelente), o que conheceu foi apenas tristeza e abandono. A ausência da mãe presente (Catherine Salée) só serviu para tornar tudo ainda mais difícil.

*Marvin* consegue uma bolsa, por intermédio da abnegada diretora de sua escola, *Mme. Clément* (Catherine Mouchet), para estudar em Paris e para lá ir. Já maior, conhece o autor e diretor *Abel* (Vincent Macaigne) e seu parceiro, o paisagista *Pierre* (Sharif Andoura) que, além de se tornarem bons amigos, também o tomam sob seus cuidados.

Em suas descompromissadas relações, acaba se envolvendo com *Roland* (Charles Berling), que meio que investe na imagem e no desenvolvimento de *Marvin*.

Sua maior contribuição é apresentar *Marvin* à grande atriz francesa Isabelle Huppert (fazendo ela mesma), que se interessa por ele e se torna sua amiga.

Estranho rito de passagem, desenvolvido com delicadeza e precisão pela diretora e roteirista (aqui em parceria com Pierre Trividic no texto) Anne Fontaine, conhecida pelos belos “*Gemma Boverly*” (2014) e “*Agnus Dei*” (2016), “*Marvin*” segue a trajetória de um rapaz que, dadas suas origens e vicissitudes atravessadas, teria todas as chances de se perder pelo caminho, o que efetivamente quase acontece. O comentário – presente no subtítulo original, em francês – é de que, talvez, uma bela educação (além de apoio de amigos) faça toda a diferença. E faz. Não perca!

**“*Marvin*”** (*Marvin ou La belle éducation* - 2017 – 1h53) Direção: Anne Fontaine Com: Finnegan Oldfield, Grégory Gadebois, Isabelle Huppert, Vincent Macaigne, Catherine Salée, Jules Porier, Catherine Mouchet, Charles Berling, Sharif Andoura

### **“*Nos Vemos no Paraíso*”**

Édouard (Nahuel Pérez Biscayart) e Albert (Albert Dupontel, também diretor e roteirista do filme) não têm nada em comum, fora o fato de haverem salvado a vida um do outro, nos estertores da I Guerra Mundial. Ambos quase morrem em função de uma investida catastrófica ordenada pelo imprudente Tenente Pradelle (Laurent Lafitte).

Acontece que o evento que os uniu também os transformou em parias na sociedade. Édouard perde o maxilar inferior – o que o impede de comunicar-se verbalmente – e Albert passa a cuidar dele. Apesar da origem aristocrática – filho de um grande industrial, Marcel Péricourt (Niels Arestrup) -, Édouard recusa-se a procurá-lo por ajuda, e os dois beiram a indignação. Pradelle, por outro lado, vai enriquecendo vertiginosamente, ao abrir um cemitério para os veteranos de guerra. De maneira escusa ele lucra com as vicissitudes alheias.

Neste ponto, Édouard e Albert percebem que também podem se favorecer da situação, desenhando e vendendo mausoléus aos mortos, que nunca saem do papel. Como num esquema de pirâmide, enriquecem também à custa da dor de

terceiros. E partem para a vingança contra Pradelle, com a ajuda da pequena Louise, uma órfã que parece ser a única que consegue traduzir o que Édouard tenta dizer.

A habilidade para o desenho e a escultura de Édouard também lhe permite criar centenas de máscaras para que possa sair em público. Estas máscaras acabam se tornando sua marca registrada junto à irreverente sociedade parisiense dos loucos anos 1920. E também aqui reside um dos grandes trunfos de tão interessante filme.

Do argumento estranho ao encantador design de produção (de Pierre Queffelec), “*Nos Vemos no Paraíso*” é um filme intrigante, que desafia o poder de síntese de qualquer um. É uma fantasia, assim como também um drama histórico, que faz uso até da comédia, em determinados pontos.

Os figurinos (de Mimi Lempicka) e a fotografia (de Vincent Mathias) são outros grandes destaques, devidamente premiados. Nos prêmios César 2018 (o Oscar francês) o filme recebeu cinco prêmios: Roteiro Adaptado (a partir do romance de Pierre Lemaître, co-autor do roteiro com o diretor), Fotografia, Figurinos, Design de Produção e Direção (para Albert Dupontel), além de mais oito indicações: Ator (Albert Dupontel), Ator Coadjuvante (Niels Arestrup e Laurent Lafitte), Atriz Coadjuvante (Mélanie Thierry), Trilha Sonora, Som, Montagem e Melhor Filme.

Belo e até poético, “*Nos Vemos no Paraíso*”, em meio a seu clima de farsa, lembra em alguns momentos alguns dos mais belos filmes mudos de Charles Chaplin ou Buster Keaton, onde o riso nunca é frouxo, mas se mantém um sorriso tímido no canto da boca. Não perca!

**“*Nos Vemos no Paraíso*”** (*Au revoir là-haut* - 2017 – 1h57) Direção: Albert Dupontel Com: Nahuel Pérez Biscayart, Albert Dupontel, Laurent Lafitte, Niels Arestrup, Émilie Dequenne, Mélanie Thierry, Héloïse Balster

## **“O Amante Duplo”**

O novo filme do diretor francês François Ozon (do recente “*Frantz*”, 2016) faz uma curiosa mescla de alguns dos mais climáticos filmes norte-americanos, como “*A Inocente Face do Terror*” (1972, de Robert Mulligan), “*Gêmeos - Mórbita Semelhança*” (1988, de David Cronenberg), ou até “*O Bebê de Rosemary*” (1968, de Roman Polanski), onde os temas “gêmeos” e “gravidez” são preponderantes.

Aqui, a bela *Chloé* (Marine Vacth, de “*Jovem e Bela*”, 2013), ex-modelo que trabalha como atendente em um museu, sofre de excruciantes dores de estômago, que acredita serem de origem psicossomática. Passa a se consultar com o *Dr. Paul Meyer* (Jérémie Renier, de “*A Garota Desconhecida*” 2016), mas a relação entre eles logo muda de analista/paciente para um casal apaixonado, que logo passa a morar junto.

*Chloé* ressent-se, porém, da falta de informações sobre a vida de *Paul*, passada ou presente. E, um dia, o vê numa situação peculiar e resolve investigar. Conhece então o *Dr. Louis*, gêmeo de *Paul* (Jérémie Renier, em jornada dupla) que ela desconhecia, e que ele nega existir. E sua relação com *Louis* é completamente diferente daquela com *Paul*. Ela se sente atraída e debilitada, ao mesmo tempo.

O processo de “*investigação*” do passado dos irmãos *Paul* e *Louis* acaba levando *Chloé* a conhecer a *Sra. Schenker* (Jacqueline Bisset, ainda lindíssima), mãe da sofrida *Sandra* (Fanny Sage), figura fundamental no passado dos irmãos. Será?

Fornecendo pistas falsas, com fotografia e trilha sonora extremamente elaboradas, para envolver o espectador, “*O Amante Duplo*” peca, a rigor, em sua conclusão, que parece apressada e fácil, para não dizer confusa, na medida em que personagens mudam de postura, ou até de origem (sem *spoilers!*). Resta saber até que ponto François Ozon e Philippe Piaggio, na elaboração do roteiro, modificaram o romance original de Joyce Carol Oates, “*Lives of the Twins*”, no qual é “*livremente*” baseado. Confira.

**“O Amante Duplo”** (*L'Amant Double* - 2017 - 1h47) Direção: François Ozon Com: Marine Vacth, Jérémie Renier, Jacqueline Bisset, Myriam Boyer, Dominique Reymond, Fanny Sage

## “O Orgulho”

*Neila Salah* (Camélia Jordana), jovem francesa de humilde origem argelina, ingressa na Sorbonne para tentar realizar seu sonho, de se tornar advogada. Mas, logo no primeiro dia, chega atrasada à aula e é ridicularizada perante toda a classe pelo irascível – e politicamente muito incorreto – professor *Pierre Mazard* (Daniel Auteuil, de “*As Confissões*”, 2016).

Frente aos protestos dos alunos, o diretor da Universidade, *Grégoire Viviani* (Nicolas Vaude), incumba *Pierre* de preparar *Neila* para um campeonato de Oratória, do qual a faculdade está participando. Isto deve servir como um exercício para que ambos lidem melhor com suas diferenças pessoais. Finda esta atribuição, *Pierre* deverá submeter-se a um conselho disciplinar na escola, que avaliará seus progressos.

Tem início, então, um embate que parece fadado ao insucesso. As diferenças entre *Pierre* e *Neila* parecem intransponíveis. Até que, muito aos poucos, ambos vão se movimentando em direção ao entendimento.

*Pierre* percebe que *Neila* tem um real talento para a argumentação, desde que aprenda a controlar suas emoções, que a levam a um estado de bloqueio quase total. E *Neila* percebe que, por traz da atitude quase neonazista de *Pierre*, reside um homem inteligente e seguro, apesar de extremamente solitário. O que ambos acabam por valorizar, na companhia um do outro, é o poder da palavra.

É justamente este trajeto que ambos percorrem, em direção ao mútuo conhecimento e aceitação, o grande trunfo do roteiro (construído a dez mãos) do filme, dirigido pelo ator, roteirista e diretor Yvan Attal. Com o par de protagonistas quase onipresentes durante todo o filme, resta apenas algum espaço para outras personagens, como *Munir* (Yasin Houicha), namorado de *Neila* que, apesar de ser apenas um simples motorista de Uber, carrega consigo uma sabedoria insuspeita, que acaba balizando algumas atitudes de *Neila*.

Não deixa de ser curiosa esta reimaginação da peça “*Pigmalião*” (1913), de George Bernard Shaw (1856-1950), com um mestre tentando burilar uma pupila – que já rendeu inúmeras obras, incluindo o musical “*My Fair Lady*” (1964, no

cinema) -, aqui com resultados menos “românticos”, porém mais recorrentes no atual panorama educacional europeu, predominantemente na França, onde a presença de “estrangeiros” é constante foco de conflitos. Um detalhe curioso: apesar do que aparentam, a atriz Camélia Jordana é francesa, e o ator Daniel Auteuil é, na realidade, argelino. *Confira.*

**“O Orgulho”** (*Le Brio* - 2017 - 1h35) De Yvan Attal Com Daniel Auteuil, Camélia Jordana, Yasin Houicha, Nicolas Vaude, Nozha Khouadra, Jean-Baptiste Lafarge

### **“O Poder de Diane”**

A primeira impressão a respeito de Diane (Clotilde Hesme, de “*A Vida de uma Mulher*”, 2016) não poderia ser pior: ela detona um rapaz com quem estava flertando numa balada, por causa de seu sorriso, simplesmente pelo prazer de fazê-lo. Sem pudores, apenas pela diversão.

Descobre-se a seguir que ela está grávida, como barriga de aluguel (mas “*sem fins lucrativos*”) para seu melhor amigo, Thomas (Thomas Suire), e seu companheiro, Jacques (Grégory Montel). Independente, acompanha a reforma da casa de campo de seus avós, onde acaba conhecendo o eletricista Fabrizio (Fabrizio Rongione, de “*Dois Dias, Uma Noite*”, 2014), e o interesse é mútuo e quase imediato. Ato contínuo, ele está trabalhando em período integral na obra para Diane, e eles compartilham uma vida a dois, quase como se o futuro filho fosse deles.

À medida que vamos acompanhando a evolução da gravidez, vamos também conhecendo melhor a Diane. E o que, a princípio, parecia apenas pouco caso, transforma-se em um libelo pela própria liberdade, proferido pela personagem. Ela não se preocupa muito com o que se espera dela, ou o que seria considerado adequado para uma mulher em suas condições, revelando-se muito mais libertária do que, por exemplo, o casal de amigos, completamente integrados ao sistema. A referência, contida no título original, aos ombros de Diane tanto pode ser literal (ela tem um problema de deslocamento de omoplata crônico), quanto um paralelo com o peso da situação apoiado sobre ela.

Não espere aqui – neste primeiro roteiro e direção em longas de Fabien Gorgeart - uma daquelas modificações operadas pelo espírito maternal, ou o vale de lágrimas geralmente reservado a este tipo de situação em filmes. O resultado é mais seco, mas nem por isso menos real. Apenas diferente do esperado. O que não deixa de ser uma sensação de frescor percorrendo a sala de projeção. Experimente.

**“O Poder de Diane”** (*Diane a les épaules* - 2017 - 1h27) Direção: Fabien Gorgeart Com: Clotilde Hesme, Fabrizio Rongione, Thomas Suire, Grégory Montel, Alice Butaud

### **“O Retorno do Herói”**

Interior da França, 1809. O capitão *Charles-Grégoire Neuville* (Jean Dujardin, Oscar de Ator por “*O Artista*”, 2011) não é exatamente uma flor de pessoa. Charmoso e cínico, se aproxima da família *Beaugrand* para cortejar sua filha mais nova, *Pauline* (Noémie Merlant), e pedir sua mão em casamento. Assim que ficam noivos, *Neuville* é convocado para a guerra e deixa a inconsolável noiva à sua espera.

A única que parece perceber de quem *Neuville* se trata é *Elisabeth* (Mélanie Laurent, de “*Bastardos Inglórios*”, 2009), irmã mais velha de *Pauline* que, ao ver a irmã se desapegar da vida pela falta de notícias de seu amado, resolve escrever para a irmã como se fosse *Neuville*. E aí começa toda a confusão.

*Elisabeth* transforma *Neuville* num herói de guerra, praticamente invencível, que conseguiu resistir ao cerco de 2000 ingleses, praticamente sozinho. E, quando percebe que a coisa está tomando muito vulto, *Elisabeth* resolve escrever uma última carta a *Pauline*, despedindo-se, à beira da morte. *Pauline*, inconsolável, encontra conforto nos braços de *Nicolas* (Christophe Montenez), jovem vizinho que sempre fora apaixonado por ela.

Tudo vai bem até que, três anos depois, *Neuville* retorna, e a história é bem diferente. Ele precisará da ajuda de quem menos pode esperar para se colocar novamente, na sociedade local: de *Elisabeth*, que não pretende, de maneira alguma, auxiliá-lo. Mas também não quer que seu stratagema – as cartas – seja descoberto.

Terão que chegar então a um meio termo, mas *Neuville* é incorrigível, e a seriedade de *Elisabeth* não consegue superar isso.

Clássica comédia de *boulevard*, com altas doses de romance, o filme de Laurent Tirard (diretor de “*Um Amor à Altura*”, 2016) forma um par inesperado, porém eficiente, entre Jean Dujardin e Mélanie Laurent; ele um descarado canastrão (em sua constante personificação de Gene Kelly), e ela uma carismática e muito competente atriz, num roteiro que, apesar de ambientado no final do século XIX, bem poderia se passar nos anos 1950/60 ou até na atualidade, com os devidos ajustes.

Leve e divertido, “*O Retorno do Herói*” é uma estranha e eficiente combinação de comédia e romance de época, valorizado por excelente elenco de apoio e bela direção de arte. Confira.

**“O Retorno do Herói”** (*Le retour du héros* - 2018 – 1h30) Direção: Laurent Tirard Com: Jean Dujardin, Mélanie Laurent, Noémie Merlant, Christophe Montenez, Evelyne Buyle, Christian Bujeau, Féodor Atkine

## **“O Último Suspiro”**

Por mais que possa parecer estranho – num filme francês - “*O Último Suspiro*” é uma intrigante trama de suspense, bem ao gosto do cinema de ficção científica norte-americano. O casal formado por Mathieu (Romain Duris, de “*Uma Nova Amiga*”, 2014) e Anna (Olga Kurylenko, de “*A Morte de Stalin*”, 2017) vive em Paris, em companhia de sua filha adolescente Sarah (Fantine Harduin), que não é uma criança qualquer. Portadora de uma rara síndrome, Sarah vive dentro de uma cápsula plástica, com um sofisticado sistema de filtragem do ar que respira.

Completamente dedicados à rotina da filha, os pais discutem a possibilidade de mudança para o Canadá, onde um novo tipo de tratamento para a garota está disponível. Mas, um dia, de manhã, logo após ser sentido um abalo sísmico, as ruas da cidade começam a ser dominadas por uma estranha neblina, a qual parece letal a quem a respira. Em pânico, Mathieu e Anna sobem aos andares mais altos de seu

prédio, até a altura do quarto andar, onde a bruma parece não alcançar. Instalam-se no apartamento de um casal idoso – Lucien (Michel Robin) e Colette (Anna Gaylor) -, apenas para constatar, pela janela, que a parte baixa da cidade está completamente tomada pela neblina.

Sarah fica em casa, protegida pela bolha onde vive, e eles se comunicam via walkie-talkies, que costumam utilizar normalmente. O ponto de apreensão é que, periodicamente, as baterias que mantêm os filtros de ar funcionando devem ser trocadas e recarregadas, para que o sistema não cesse de funcionar. Mas o fornecimento de energia na cidade está interrompido, assim como todos os outros serviços essenciais.

Clara alegoria sobre os efeitos das ações do homem sobre o meio ambiente, assim como sobre a solidão e a interdependência familiar, “*O Último Suspiro*” se encaixa num nicho onde o cinema francês não tem presença marcante (na mesma situação de outro filme recente, também visto no Festival Varilux, “*A Noite Devorou o Mundo*”, de Dominique Rocher), mas nem por isso o faz sem méritos.

Mesmo com algumas grandes incongruências no roteiro (desenvolvido a seis mãos por Guillaume Lemans, Jimmy Bemon e Mathieu Delozier), “*O Último Suspiro*” tem boas soluções técnicas, assim como um elenco cativante (à exceção da sempre insossa Olga Kurlyenko), alternando adequadamente momentos de ação com cenas de tensão bem elaboradas. Desnecessárias apenas algumas situações, com a ação interrompida por discussões existenciais, ou descabidas cenas de romance, que acabam por minar a fluência do filme. Amantes do gênero se divertirão, inclusive identificando alguns deslizes na trama. Experimente.

**“*O Último Suspiro*”** (*Dans la brume* - 2018 -1h29) Direção: Daniel Roby Com: Romain Duris, Olga Kurlyenko, Fantine Harduin, Michel Robin, Anna Gaylor, Réphaël Ghrenassia

### **“*Primavera em Casablanca*”**

Casablanca, em 2015, é o ponto central de cinco histórias aparentemente sem conexão. *Salima* (Maryam Touzani) é uma mulher completamente deslocada da

sociedade à qual pertence: é independente (apesar do marido não concordar), não presta reverência às medievais convenções sociais referentes às mulheres, e espera mais da vida do que poder andar com os cabelos soltos e usar uma saia acima dos joelhos. Com maquiagem.

*Joe* (Arieh Worthalter) é dono de um restaurante e tem sua vida preenchida com o trabalho e os cuidados com o pai, um idoso judeu de saúde bem precária, mas mente afiada. Sua rotina é abalada por seu encontro com *Nejma* (Maha Boukhari), que ganha a vida nas ruas da cidade.

*Hakim* (Abdelilah Rachid), músico de um grupo de canções tradicionais, alterna seu trabalho com o ocidentalíssimo desejo de estrelato, espelhando-se simplesmente na figura de Freddy Mercury, vocalista do *Queen*.

*Inês* (Dounia Binebine), do alto de seus 15 anos e sua família abastada, sonha mais de seu futuro do que aguardar um garoto de mesma posição social que venha se tornar seu marido e senhor. Mesmo que seja uma garota.

E *Yto* (Nezha Tebbai), que chegou à cidade há mais de 30 anos, em busca do único homem que realmente amou a vida toda, *Abdallah* (Amine Ennaji), um professor em sua vila no interior, afastado de seu posto por dar aulas no idioma bérbere ao invés do árabe, imposto pela lei, mas que nenhum aluno consegue entender. A gênese da história de *Yto*, *Abdallah*, e o filho dela, *Ilyas* (Mohamed Zarouki), acontece em 1982, antes de irem para Casablanca. Em 2015, *Ilyas* (Abdellah Didane) já adulto, trabalha como garçom no restaurante de *Joe*.

E estas histórias todas vão se tangenciar numa noite de violência descontrolada pela cidade, com manifestações sociais atingindo um ponto de efervescência sem precedentes. As personagens, umas mais do que as outras, terão seus destinos alterados graças a estes encontros.

Numa trama complexa e intrincada, o roteiro do diretor Nabil Ayouch (o mesmo de “*Muito Amadas*”, 2015) e da bela estrela Maryam Touzani, se dá ao luxo de desenvolver com paciência cada um dos segmentos que formam seu todo, poderoso e contundente em sua simplicidade. *Confira*.

**“Primavera em Casablanca”** (*Razzia* - 2018 – Drama – 1h59) Direção: Nabil Ayouch  
Com: Maryam Touzani, Arieh Worthalter, Abdelilah Rachid, Amine Ennaji, Dounia Binebine, Abdellah Didane, Saadia Ladib, Maha Boukhari, Nezha Tebbai, Mohamed Zarouki

### **“Promessa ao Amanhecer”**

Ambiciosa cinebiografia do escritor Romain Gary (nascido Romain Kacew, na Lituânia), “*Promessa ao Amanhecer*” deveria se chamar, a rigor, “*Amor de Mãe*”, tamanha é a importância de Nina Kacew na formação do filho, Romain. Onipresente, Nina era o centro do universo de Romain, e vice-versa.

A narrativa começa pela infância difícil de Romain (Pawel Puchalski, aos oito anos) e Nina (Charlotte Gainsbourg, num registro às vezes exagerado) na Polônia, onde inventam um costureiro francês “famoso” para avaliar suas confecções, e de onde acabam sendo exotados – era o começo do antissemitismo pré-Hitler -, atolados em dívidas. Partem então para o sul da França, onde Nina administrará um hotel.

Com uma adolescência protegida pela mãe, Romain (Némo Schiffman, aos 14 anos) é constantemente preparado por ela para ser alguém especial: um músico, ou um ator, ou escritor, ou diplomata. Mas a chegada da II Guerra Mundial acaba por colocá-lo no centro da batalha, na aeronáutica. A comunicação com a mãe segue, constante, por meio de cartas, onde ele conta sua rotina na guerra, e Nina não se cansa de exaltar as “*proezas*” do filho. Amadurecido pela guerra, Romain (Pierre Niney, de “*Frantz*”, 2016, na fase adulta) retorna ao encontro da mãe, apenas para tomar mais um duro golpe da vida.

Apologia do inesgotável amor de uma mãe para com o filho, “*Promessa ao Amanhecer*” parte do romance autobiográfico de mesmo nome, escrito por Romain, para contar esta história de superação e devoção, com uma personagem principal de inegável carisma e inesgotável energia. Pierre Niney, na pele de Romain adulto, entrega mais um desempenho complexo e elaborado, como já visto anteriormente. Já Charlotte Gainsbourg, como Nina, tende a exagerar e passar do ponto em alguns momentos, talvez por uma falta de dosagem na direção de Eric Barbier (também

autor do roteiro, juntamente com Marie Eynard), que tende a deixar a atriz por sua própria conta. Os norte-americanos usariam aqui a expressão “*bigger than life*” (“maior que a vida”, textualmente) para explicar o tom adotado para a personagem.

Uma bela direção de arte de Renátó Cseh, e os figurinos de Catherine Bouchard garantem o belo resultado visual desta homenagem a Romain Gary, o único escritor francês a receber duas vezes o prestigiado *Prêmio Goncourt de Literatura*. Confira.

**“Promessa ao Amanhecer”** (*La Promesse de L’aube* - 2017 – 2h10) Direção: Eric Barbier  
Com: Pierre Niney, Charlotte Gainsbourg, Didier Bourdon, Jean-Pierre Darroussin, Catherine McCormack, Finnegan Oldfield, Pawel Puchalski, Némó Schiffman

## **“Troca de Rainhas”**

Século XVIII e a estremecida relação entre França e Espanha - devido a extensas guerras entre os dois países – pode ser restaurada por meio da mais comum das alianças que dois países poderiam sagrar, à época: o casamento de seus herdeiros.

*Felipe de Orléans* (Olivier Gourmet), regente da França, arranja o casamento de *Luís XV* (Igor van Dessel), de 11 anos, que breve se tornará rei, com a filha do Rei da Espanha, *Felipe V* (Lambert Wilson), a *Infanta Maria Anna Victoria* (Juliane Lepoureau), de apenas quatro anos de idade! *Orléans* acerta ainda o casamento de sua própria filha, *Louise Elisabeth* (Anamaria Vartolomei), de 12 anos, com o *Príncipe de Astúrias*, o insosso herdeiro do trono espanhol de 14 anos, *Don Luis* (Kacey Mottet Klein). E tudo parecia bem.

A jovem princesa *Maria Anna Victoria* não poderia ser mais doce (em muito devido à intérprete, Juliane Lepoureau), cativando rapidamente toda a corte francesa. À exceção do próprio *Luiz XV*, influenciado pelo inescrupuloso *Duque de Condé* (Thomas Mustin, que guarda alguma semelhança física com o ator brasileiro Fábio Porchat), que a considera muito criança (e ela realmente é), inadequada a procriar um herdeiro para o futuro rei (que tem apenas 11 anos!).

Já *Louise Elisabeth*, casada com o herdeiro espanhol, faz *Catarina* (a “*A Megera Domada*” de Shakespeare) parecer uma freira. Desagradável, impertinente e completamente desconsiderada, transforma a vida de *Don Luis* num pesadelo (sequer o deixa tocá-la). E os reis de Espanha, orgulhosos e imprevisíveis, somente a suportam porque o filho é completamente apaixonado por ela.

Com uma primorosa direção de arte e locações belíssimas – incluindo o Palácio de Versailles, para onde *Luiz XV* retorna em seu reinado -, “*Troca de Rainhas*” tem como grande trunfo seu jovem elenco que, apesar de contracenar com consagrados veteranos como Olivier Gourmet e Lambert Wilson, não se intimida e entrega performances estelares, principalmente Igor van Dessel e Juliane Lepoureau, um deslumbre. Impossível não se apaixonar por ela.

O diretor e roteirista Marc Dugain – aqui em colaboração com Chantal Thomas, autora do romance “*L’Echange des Princesses*” (2013), no qual o roteiro se baseia – faz uso de uma muito delicada fotografia, de modo a valorizar (e enfatizar) ainda mais as diferenças entre as cortes de Espanha e França, num estratagema utilizado anteriormente pela diretora brasileira Carla Camurati, em seu magnífico “*Carlota Joaquina – Princesa do Brasil*” (1995), diferenciando Portugal de Espanha. Confira. Apenas uma questão: porque não “*Troca de Princesas*” ao invés de “*Troca de Rainhas*” como título em português?

**“Troca de Rainhas”** (*L’échange des princesses* - 2017 - Histórico - 1h40)  
Direção: Marc Dugain Com: Lambert Wilson, Olivier Gourmet, Igor van Dessel, Juliane Lepoureau, Anamaria Vartolomei, Kacey Mottet Klein, Thomas Mustin

FESTIVAL  
**VARILUX**  
DE **CINEMA**  
**FRANÇÈS**  
2019



## **“Amor à Segunda Vista”**

*Raphaël* (François Civil) e *Olivia* (Joséphine Japy) foram literalmente feitos um para o outro. Conhecem-se por acaso no colégio, têm conexão quase imediata – a ponto de desmaiarem juntos (!) – e não desgrudam mais, se casam e vivem felizes para sempre. Será?

*Raphaël* se torna um escritor de ficção científica de grande sucesso, enquanto *Olivia* abdica de uma promissora carreira como pianista clássica para cuidar da vida do casal. A ascendente carreira do autor cria uma demanda que acaba por afastar paulatinamente os dois, até que, um dia, o inesperado os atinge. Ou melhor, o atinge.

Numa manhã, *Raphaël* acorda e sua vida está completamente diferente: seu apartamento de luxo voltou a ser o acanhado lugar em que morava quando solteiro, ele não escreveu nenhum livro de sucesso, e é um simples professor de literatura do 1º grau. Ah, sim: ele não é casado, e *Olivia* é uma concertista de fama internacional. Que não o conhece, claro. O que terá acontecido?

Mais recente exemplo do globalizado cinema francês, “*Amor à Segunda Vista*” não faria feio estrelado (nos bons tempos) por Hugh Grant e Drew Barrymore, ou até Anne Hathaway. Com roteiro escrito a seis mãos por Hugo Gélin (o mesmo de “*Uma Família de Dois*”, 2017, estrelado por Omar Sy), Igor Gotesman e Benjamin Parent, o filme utiliza todos os elementos que constroem uma boa comédia romântica.

Protagonistas bonitos e simpáticos, locações elegantes e descoladas, fotografia estilosa e trilha sonora abusando de baladas – com canções devidamente em inglês, para garantir um mercado mais internacional -, o filme se desenrola conforme esperado, no esquema *encontro / separação / reencontro*, com o devido alívio cômico, aqui a cargo do melhor amigo do protagonista, *Félix* (o eficiente Benjamin Lavernhe).

Como uma história romântica, levada por atores empáticos, nunca fez mal para ninguém, não deixe passar. Confira.

**“Amor à Segunda Vista”** (*Mon inconnue* - 2019 – França / Bélgica – 01h58’)

Direção: Hugo Gélin Com: François Civil, Joséphine Japy, Benjamin Lavernhe

### **“A Revolução em Paris”**

Começando em 1789, com a Queda da Bastilha – estopim da Revolução Francesa – e se estendendo até 1793, com a execução do Rei Luis XVI, na guilhotina, “*A Revolução em Paris*” trata do período mais fértil da história política francesa, com o fim da monarquia e o surgimento da República.

Tal ambição de propósitos faz com que o filme do diretor e roteirista Pierre Schoeller seja uma das maiores superproduções do cinema francês – com custo estimado em quase 17 milhões de euros. E todo este apuro na produção ainda assim consegue emprestar certo tom pessoal à história ao mesclar, na formação da Assembléia Nacional, personagens históricos – como o *Rei Luis XVI* (Laurent Lafitte) ou articulistas da República como *Robespierre* (Louis Garrel), *Marat* (Denis Levant) e *Danton* (Vincent Deniard) – a desconhecidos como o casal de rebelados *Basile* (Gaspard Ulliel) e *Françoise* (Adèle Haenel), além de *L'oncle* (Olivier Gourmet), *Solange* (Noémie Lvovsky) ou *La Reine Audu* (Céline Sallette), e a pequena *Clémence* (Emma Stime), que em muito lembra a *Cosette* do clássico “*Les Misérables*”, de Victor Hugo.

Talvez uma grande dose de conhecimento da história neste período da França seja necessária para que realmente se aprecie a obra de Schoeller, na medida em que a quantidade de personagens e referências é tamanha que requer do espectador muita atenção. O ritmo lento da narrativa – apesar da pretensão épica do filme – reforça esta impressão.

Algumas observações da vida diária no período são extremamente interessantes, como as lavadeiras à beira do rio Sena, ou um trabalho de parto realizado em casa, assim como a vida na corte, afastada da pobreza reinante no país, numa Versailles de fantasia. A vinda da família real para Paris marca um momento de ruptura impensado até então.

Num belo trabalho de fotografia, com uma direção de arte absolutamente rigorosa e deslumbrante, “*A Revolução em Paris*” (cujo título original, “*Un peuple et son roi*” ou “*Um povo e seu rei*” diz mais sobre a história que se pretendeu contar que este título) serve como um estudo histórico de abundantes referências, apesar de pessoalmente não arrebatador, como era de se esperar com material tão envolvente. Confira.

**“*A Revolução em Paris*”** (*Un peuple et son roi* - 2018 – França / Bélgica – 02h01’) Direção: Pierre Schoeller Com: Gaspard Ulliel, Adèle Haenel, Olivier Gourmet, Louis Garrel, Izïa Higelin, Noémie Lvovsky, Laurent Lafitte

### **“*Asterix e o Segredo da Poção Mágica*”**

Fielmente baseado nos imortais personagens criados por Albert Uderzo e René Goscinny, “*Asterix e o Segredo da Poção Mágica*” faz o deleite de qualquer fã. Aqui estão presentes todas as recorrentes figuras da série de aventuras dos gauleses que resistem ao domínio romano sobre a Gália, incluindo os piratas sem muita sorte, e o próprio *César*.

Esta é a segunda vez que uma animação sobre *Asterix* e sua turma não faz referência a nenhum dos volumes publicados pela dupla *Uderzo & Goscinny*, ou por seus seguidores – a primeira foi em 1976, com “*Os 12 Trabalhos de Asterix*”. Mas isso não representa nenhuma perda. Todos os personagens e suas recorrentes diatribes estão no filme, e em esplendoroso colorido.

Na história – desenvolvida por um dos diretores, Alexandre Astier -, após sofrer um acidente nos bosques que cercam a aldeia, o druida *Panoramix* decide que é hora de compartilhar com outro druida a fórmula da preciosa *Poção Mágica* que dá força sobre-humana aos gauleses de sua aldeia – com exceção de *Obelix*, em quem os efeitos são permanentes, por haver caído num caldeirão da poção quando era criança.

Ele parte então, acompanhado de *Asterix* e *Obelix*, numa volta pela Gália a fim de conhecer postulantes ao cargo de druida aprendiz, com que possa repartir

seus segredos. Obviamente, neste percurso encontrarão, além dos romanos e piratas de sempre, uma série de outros divertidos personagens, incluindo uma frota de *javalis-mensageiros*, e dezenas de outros druidas e candidatos. Incluindo aí *Sulfurix*, antigo desafeto de *Panoramix* que foi banido da comunidade druida, e tem outros planos para a poção, à revelia de seu criador.

Tecnicamente irreparável – animação em 3D de primeira qualidade -, o filme guarda o espírito dos quadrinhos e das animações anteriores, sendo divertido e ágil, independente do espectador ser ou não um fã dos quadrinhos originais. É melhor, inclusive, do que os hoje clássicos filmes com atores reais, que perdem muito em função dos efeitos visuais pouco convincentes. E olha que eles tinham Christian Clavier e Gérard Depardieu protagonizando como *Asterix* e *Obelix*, respectivamente. Divertido, para qualquer idade. Não perca!

**“Asterix e o Segredo da Poção Mágica”** (*Asterix: Le secret de la potion magique* - 2018 - França - 01h25) Direção: Louis Clichy e Alexandre Astier Com as vozes de: Bernard Alane, Christian Clavier, Guillaume Briat

## **“Através do Fogo”**

O título original do filme – “*Sauver ou Périr*” ou “*Salvar ou Perecer*” -, lema dos bombeiros de Paris, parece conceder a justa medida ao novo filme do diretor Frédéric Tellier que, juntamente com David Oelhoffen, adaptou e escreveu o roteiro, baseado em fatos e a partir de uma ideia que carregava consigo há anos: prestar uma homenagem aos bombeiros.

Mas não espere nenhum tipo de filme *à la seriados de TV*, com ação ininterrupta e atos heroicos que resultam em dano nenhum aos personagens principais. Pelo contrário, o tempo é medido muito lentamente, e o personagem principal existe justamente em função do acidente que sofre.

Sofrer, aliás, parece ser a tônica do roteiro. A maior parte dos personagens sofre, ou sofreu, algum tipo de problema, em variados graus. Mas a ação se centra em *Franck* (o premiado Pierre Niney, Melhor Ator no César por “*Yves Saint-Laurent*”,

2014), sargento do corpo de bombeiros com excelente ficha e carreira em ascensão. Ele e sua jovem esposa, *Cécile* (Anaïs Demoustier), vivem num pequeno apartamento dentro da corporação, o que facilita o deslocamento de *Franck* ao trabalho. Para completar o quadro idílico, ela está grávida de gêmeos.

Até que um grande incêndio transtorna toda a vida do casal, e de todos que lhes são próximos. *Franck*, para salvar companheiros que ficaram encurralados dentro do prédio em chamas, acaba sofrendo queimaduras por todo o corpo, principalmente na parte superior. Entre a vida e a morte, passa muitos meses em recuperação.

É justamente nesta parte do filme em que ele mais se distancia de outros exemplares do gênero, com o processo de recuperação de *Franck* mostrado muito lentamente, angustiante tanto para a personagem quanto para o público. O bom desempenho do elenco central – com óbvio destaque para Pierre Niney – não é o suficiente para eliminar a sensação de agonia estendida para o espectador. O filme certamente se beneficiaria de uma metragem menor, mas não deixa de ser instigante. Confira.

**“Através do Fogo”** (*Sauver ou périr* - 2018 – França / Bélgica – 01h56) Direção: Frédéric Tellier Com: Pierre Niney, Anaïs Demoustier, Chloé Stefani

## **“Boas Intenções”**

Quanta sabedoria nos ditos populares! O novo filme de Gilles Legrand é prova de que boas intenções não pavimentam uma estrada segura.

*Isabelle* (Agnès Jaoui) é uma humanitária, no mais amplo sentido da palavra. Visita campos de refugiados, alimenta sem-tetos e dá aulas do idioma francês a imigrantes, tudo isso sem ganhar praticamente nada. Mesmo que signifique virtualmente abandonar sua própria família. Curiosamente, mesmo esta é fruto de seu trabalho, na medida em que conheceu seu marido, *Ajdin* (Tim Seyfi), um sérvio, em uma de suas viagens para levar conforto a populações de regiões em conflito.

Seus alunos tentam se tornar fluentes em francês com vistas a conseguirem melhores condições de trabalho. E ela não poupa esforços para ajudá-los. Infelizmente, o roteiro – de Léonore Confino e do diretor, Gilles Legrand -, tenta trazer humor a um tema para lá de espinhoso. Não funciona muito bem, mesmo que a intenção seja boa.

Primeiro: a protagonista não consegue a cumplicidade da plateia para sua causa em praticamente momento nenhum do filme – apenas nas cenas finais consegue enternecer, mesmo assim à custa de uma forçada de mão dos roteiristas, e da ajuda de Edith Piaf.

Segundo, porque o filme, tentando tratar a enorme crise de migração que assola a Europa da maneira mais leve possível, acaba fazendo graça de modo muito grosseiro com quase todos os sotaques em cena. Sobra para todo mundo: de africanos a árabes, alemães a belgas, e até para os brasileiros. O personagem *Thiago*, identificado como brasileiro, beira o limítrofe, não conseguindo sequer articular de maneira inteligível. E, em seu único diálogo completo emite, em alto e bom som, uma frase em legítimo português... De Portugal, repare (o ator, Nuno Roque, é natural da cidade do Porto).

E justamente o enfoque pelo lado da comédia, que teoricamente alcançaria maior público, acaba por afastá-lo, parecendo até ofensivo, na medida em que trata todo não nativo francês como inferior, intelectual ou socialmente, sem exceção.

O que poderia se tornar uma pertinente discussão sobre os movimentos de deslocamento de grandes massas humanas pelo continente europeu, acaba se perdendo numa série de clichês, atingindo etnias, religiões e gêneros, indiscriminadamente. Mesmo assim, experimente.

**“Boas Intenções”** (*Les bonnes intentions* - 2018 – França – 01h40’) Direção: Gilles Legrand  
Com: Agnès Jaoui, Alban Ivanov, Tim Seyfi

## **“Cyrano Mon Amour”**

O cinema tem a peculiaridade de nos deixar contemplar diversas versões de um mesmo assunto quase simultaneamente. No *Festival Varilux 2019* esta facilidade vem a partir da exibição de dois grandes filmes, basicamente sobre o mesmo assunto: o clássico “*Cyrano de Bergerac*”, na versão de 1990 estrelada por Gérard Depardieu, e o recentíssimo “*Cyrano Mon Amour*”, tour de force de seu autor, Alexis Michalik.

Michalik, egresso do teatro e da televisão franceses, estreou nos palcos no papel título de “*Romeu e Julieta*” (2001), e não demorou muito (2008) até subverter o texto mais popular de Shakespeare, numa excêntrica adaptação, chamada “*R&J*”. Em seu texto resolve encenar, de maneira bastante inventiva, o original shakespereano com um elenco de apenas três atores em todos os papéis – a exemplo do sucesso Off-Broadway de Joe Calarco, “*Shakespeare’s R&J*” (1998), - já montada duas vezes no Brasil, também com bastante repercussão.

Não demorou muito para que ele voltasse seu olhar para um dos textos mais conhecidos do teatro francês, “*Cyrano de Bergerac*”, de Edmond Rostand, aqui apresentado como o personagem principal nesta finíssima comédia sobre a construção do próprio texto. Ou seja, o filme mostra *Rostand* (Thomas Solivérès), em plena crise criativa e atolado em dívidas, tentando compor um texto para um dos maiores atores do período, *Constant Coquelin* (Olivier Gourmet), que o comissiona para a empreitada tendo apenas um leve rascunho da peça e seu título. Quem apresenta *Rostand* a *Coquelin* é “apenas” a maior atriz do período, *Sarah Bernhardt* (Clémentine Célerié, em divertidíssima composição), que adorava os versos de Rostand.

Numa espécie de metalinguagem dos palcos, a peça se desenrola enquanto é escrita, envolvendo os atores, seu autor e o público num redemoinho de poesia e bom humor, como há muito não se via nas telas.

Leve, delicado e com um elenco de sonhos, “*Cyrano Mon Amour*” é um daqueles filmes que estampa no rosto da plateia um indelével sorriso que não se desfaz na saída da sala de projeção. Recebido com merecidíssimos aplausos pelo

público que lotava a sala 1 do Espaço de Cinema Santos, o filme foi um delicioso começo para um festival que ainda promete outras grandes surpresas. Não perca!

**“Cyrano Mon Amour”** (*Edmond* - 2019 – França / Bélgica - 01h49’) Direção: Alexis Michalik Com: Thomas Solivérès, Olivier Gourmet, Mathilde Seigner

### **“Finalmente Livres”**

O novo filme de Pierre Salvadori (“*Em um Pátio de Paris*”, 2014), “*Finalmente Livres*” já começa em plena ação, numa sequência que virá a se repetir, com variações, durante todo o desenrolar do filme, num tom muito “*tarantinesco*”. O capitão de polícia *Jean Santi* (Vincent Elbaz) destrói, praticamente sozinho, um covil de perigosos bandidos. Ele é um herói, morto recentemente, e reverenciado por todos, incluindo sua esposa, a tenente *Yvonne* (Adèle Haenel, aventurando-se na comédia), que está fazendo esta narração como uma história de ninar para o filho, *Théo* (Octave Bossuet).

E tudo vai bem até que *Yvonne*, numa batida policial, acaba descobrindo, por um depoimento, que seu marido era tudo, menos um herói: corrupto e violento, *Jean* era responsável por achacar criminosos e bandidos. Ou seja, quase tudo que ela possui foi adquirido de maneira ilícita. E ela nem desconfiava.

Ela decide então reparar o maior dos erros que *Jean* cometeu, prendendo um jovem que trabalhava numa joalheria, para acobertar sua implicação num assalto milionário. Só que o jovem, *Antoine* (Pio Marmai), está para ser solto, e ela passa a monitorá-lo, desde sua libertação. Acompanha seu retorno ao lar, para a esposa, *Agnès* (Audrey Tautou, muito bem fora de seu tipo habitual), que o espera esperançosa. E também suas primeiras incursões pela contravenção. Porque se ele era inocente ao ser preso, a cadeia certamente o modificou.

O pior de tudo é que *Yvonne* tenta não se envolver com *Antoine*, mas isso se torna cada vez mais difícil. E ele não pode saber quem ela é. Aliás, nem ele nem o parceiro de *Yvonne*, o policial *Louis* (Hocine Choutri, muito bem), que “*arrasta um bonde*” por ela, sem ser correspondido – ou até notado.

Misto de comédia e filme policial, “*Finalmente Livres*” conta com um elenco afinado, um roteiro (de Benjamin Charbit, Benoît Graffin e Pierre Salvadori) que beira a comédia de *boulevard* – com identidades trocadas e muito *abre-porta-fecha-porta* – e algumas recorrências paralelas à trama muito divertidas, como os usuários do clube de sadomasoquismo ou o *serial killer* a quem ninguém dá atenção. Experimente.

**“Finalmente Livres”** (*En liberté* - 2018 - França - 01h47) Direção: Pierre Salvadori Com: Adèle Haenel, Pio Marmai, Audrey Tautou, Damien Bonnard, Vincent Elbaz, Hocine Choutri, Octave Bossuet

### **“Graças a Deus”**

Versando sobre um dos mais polêmicos e contundentes temas atemporais – pedofilia na Igreja Católica francesa -, o novo filme do diretor e roteirista francês François Ozon (“*O Amante Duplo*”, 2018), tem uma das construções mais diversas de sua carreira.

Num estilo beirando o documental, o roteiro se apoia em fatos acontecidos recentemente na Igreja francesa, para contar três histórias quase ficcionais, relacionadas às mesmas personagens: o Cardeal Barbarin (François Marthouret) e o padre Preynat (Bernard Verley). Ambos infames, porquanto o padre cometia abusos contra meninos entre oito e dez anos de idade, enquanto o cardeal o acobertava.

No filme, Alexandre (Melvil Poupaud), um fervoroso pai de família se desorienta quando descobre que o padre Preynat, que abusara dele em sua infância, ainda encontra-se atuando numa paróquia, em contato muito próximo com crianças. Procura então, de todas as formas, fazer com que o padre arque com suas responsabilidades, pagando por seus crimes. Para tanto, parte em busca de outras vítimas, para conseguir convencer as autoridades – civis e eclesiásticas.

A maior curiosidade no roteiro de Ozon é o fato dele alternar o protagonismo do filme a cada nova vítima do padre Preynat encontrada. Ou seja, conhecemos a

história de Alexandre, até que surgem François (Denis Ménochet), Gilles (Éric Caravaca) e Emmanuel (Swann Arlaud), cada um a seu tempo protagonizando parte do filme.

Mais do que apenas uma discussão dos meandros eclesiásticos e jurídicos da questão, ou a impunidade que via de regra acontece nestes casos, o filme de Ozon procura dar voz às vítimas, assim como apresentar suas vidas e o quanto foram impactadas pelas ocorrências em suas infâncias.

Vencedor do Urso de Prata no Festival de Berlim deste ano, “*Graças a Deus*” (cujo título deriva de uma infeliz e sintomática fala do Cardeal Barbarin à imprensa) por muito pouco não teve sua estreia embargada na justiça, em função do processo contra os religiosos ainda estar em trâmite. Vale como denúncia, apesar da excessiva metragem, que poderia ter sido facilmente reduzida. Confira.

**“*Graças a Deus*”** (*Grâce à Dieu* - 2019 – França / Bélgica - 02h17’) Direção: François Ozon Com: Melvil Poupaud, Denis Ménochet, Swann Arlaud, Éric Caravaca, François Marthouret, Bernard Verley

## **“*Inocência Roubada*”**

O que pode ser mais terrível do que um abuso sofrido continuamente durante toda a infância, por uma frágil garota de oito anos de idade? Talvez o fato de não ter com quem conversar a respeito, ou de que seu abusador é presença constante em sua casa?

E este argumento, por mais terrível que possa parecer, é baseado na infância da atriz principal, codiretora e roteirista deste “*Inocência Roubada*”, Andréa Bescond. A direção e o roteiro ela divide com seu companheiro, Eric Métayer (que, no filme, também “dubla” a voz de Rudolf Nureyev), neste que pretende ser um libelo sobre a violência contra a criança.

Na história, *Odette* é uma menina que gosta de desenhar e de dançar. Com seu talento, vai até tentar uma vaga no Conservatório Nacional de Dança. A história

vai mostrando a vida da pequena *Odette*, intercalada com seu presente, como bailarina performática, extremamente expressiva e imprevisível.

Ela não consegue manter um relacionamento, assim como é dada a rompantes de violência e falta de controle. As sessões com sua terapeuta são a linha mestra do roteiro, com cenas *invadindo* a ação que se passa em sua infância. Curioso recurso de linguagem cinematográfica, esta intersecção entre passado e presente permeia todo o filme, conferindo vitalidade a tema tão pesado e obscuro.

O destaque fica por conta do elenco principal, com sinceras e delicadas interpretações, incluindo a própria diretora, Andréa Bescond, como a *Odette* adulta; Karin Viard, como *Mado*, a quase inacreditável mãe de *Odette*; e principalmente Pierre Deladonchamps, como *Gilbert*, o pesadelo na vida da pequena *Odette*. Um filme não convencional e alegórico sobre um tema difícil. Necessário. Confira.

**“Inocência Roubada”** (*Les chatouilles* - 2018 – França – 01h43’) Direção: Andréa Bescond e Eric Métayer Com: Andréa Bescond, Karin Viard, Clovis Cornillac, Pierre Deladonchamps

### **“Meu Bebê”**

*Héloïse* (Sandrine Kiberlain, presença constante no atual cinema francês) é uma bem resolvida mulher separada, mãe de três jovens adultos, que administra sua vida em função dos cuidados com os filhos, ao mesmo tempo em que cuida do restaurante da família, e do pai idoso, porém ativo. E, neste processo, meio que se esquece de si. Mas nem tanto.

Com a filha caçula de 17 anos, *Jade* (Thaïs Alessandrin, filha da diretora e roteirista Lisa Azuelos, e fonte de inspiração para o roteiro), prestes a ir estudar no Canadá, ela se dá conta de que finalmente ficará só. Os dois filhos mais velhos, *Theo* (Victor Belmondo, neto de Jean-Paul Belmondo) e *Lola* (Camille Claris), já alçaram seus voos solos, e ela não sabe exatamente o fará com tanto tempo “seu”.

A antecipação à separação é tão sufocante que quase faz com que ela não aproveite os preciosos momentos que ainda tem em companhia da filha.

Típico exemplar de “*feel good movie*” – feito para você se sentir bem -, “*Meu Bebê*” (apelido carinhoso que só funciona em casa, de mãe para filha) tem em seu elenco seu grande trunfo. A interação entre “*mãe*” e “*filhos*” – e seus colegas de escola, ou ex-marido, ou pai – é de tal maneira fluida que eles realmente parecem uma família. Meio “*comercial de margarina*”, mas mesmo assim, extremamente agradável de se assistir. E o *timing* cômico de Sandrine Kiberlain está melhor do que nunca. Não perca.

**“*Meu Bebê*”** (*Mon Bébé* – 2019 – França / Bélgica - 01h27’) Direção: Lisa Azuelos Com: Sandrine Kiberlain, Thaïs Alessandrin, Victor Belmondo, Camille Claris, Mickaël Lumière

### **“*O Mistério de Henri Pick*”**

A jovem editora *Daphné Despero* (Alice Isaaz) encontra, numa pequena biblioteca no interior da Bretanha, um manuscrito que considera uma obra-prima. Resolve publicá-lo, e ele se torna um *best seller* imediato. O curioso desta situação é que livro teria sido escrito por *Henri Pick*, um *pizzaiolo* local morto há alguns anos, sem a menor experiência anterior com literatura, segundo sua própria família.

O insólito da situação chama a atenção de *Jean-Michel Rouche* (o sempre simpático Fabrice Luchini), crítico literário que considera *Pick* uma fraude. Verbalizando sua desconfiança, ele acaba perdendo seu emprego e sua mulher, e resolve tirar a limpo o mistério que ronda este livro. Para tanto, procura a família do autor e conta com a ajuda da incrédula filha de *Pick*, *Josephine* (Camille Cottin).

Numa simpática mistura de comédia romântica e policial, “*O Mistério de Henri Pick*”, novo filme de Rémi Bezançon (“*Nosso Futuro*”, 2015) – em roteiro dele e de Vanessa Portal, baseado em romance de David Foenkinos -, parte de uma situação improvável - um original nunca publicado, de excelente qualidade - para analisar a necessidade de exposição e aprovação na mídia contemporânea.

Um livro não pode apenas ter qualidades literárias; deve ter algo a mais, de fácil manipulação em sua veiculação. Um interesse mundano, independente de seu

valor. Confira como um bom elenco e uma trama interessante podem ser cativantes, sem grandes malabarismos.

**“O Mistério de Henri Pick”** (*Le mystère Henri Pick* - 2019 – França/Bélgica – 01h40’)  
Direção: Rémi Bezançon Com: Fabrice Luchini, Camille Cottin, Alice Isaaz, Bastien Bouillon, Josiane Stoléru, Marc Fraize

### **“O Professor Substituto”**

*Pierre Hoffman* (Laurent Lafitte) tem a ingrata missão de substituir um professor de francês que tenta suicídio se jogando da janela da sala de aula – na frente dos alunos! Obviamente, um evento tão traumático afeta aos alunos de maneira profunda. Ou, a quase todos, pelo menos.

Esta classe de nono ano abriga apenas 12 alunos, numa experiência que os isola dos demais. Mais bem dotados que os outros, alguns deles parecem ter uma postura muito estranha frente aos fatos. Ou até mesmo aos professores e à direção da escola.

*Pierre* tenta então, obsessivamente, descobrir até que ponto vai o poder e a influência destes alunos. Sua vida começa a mudar e um clima de crescente paranoia se instalando. O professor começa a receber chamadas anônimas, e a atitude de alunos e professores parece cada vez mais bizarra, assim como estes alunos parecem onipresentes nas vidas de todos.

E o que parecia ser uma premissa tão interessante – discutir o grau de degradação que o planeta está alcançando e como isto afeta a vida de jovens tão inteligentes (e poderosos por causa disso), além de impressionáveis – acaba se revelando um exercício de futurologia tão inócua quanto ingênuo.

Com interpretações que vão num crescendo de exagero – a ponto de lembrarem muito clássicos *trash* como “*Colheita Maldita*” (*Children of the Corn*, 1984) ou “*A Cidade dos Amaldiçoados*” (*Village of the Damned*, 1995), ambos envolvendo crianças e tramas conspiratórias -, “*O Professor Substituto*” traz o

agravante de não obedecer a uma das regras básicas de um bom roteiro de suspense: não dá explicação alguma, por mais absurda que seja, para as atitudes dos personagens. Ou seja, a plateia que decida, devidamente influenciada pela nada sutil mensagem “subliminar” das imagens de redes de transmissão de energia, usinas nucleares, peixes e pássaros mortos às centenas de milhares, e muito lixo plástico, abandonado pelo planeta. Um pouco de mão pesada do diretor, Sébastien Marnier, em seu segundo longa, que ele mesmo adaptou e roteirizou, inspirando-se livremente no romance de Christophe Dufossé. Experimente.

**“O Professor Substituto”** (*L'heure de la sortie* - 2019 – França - 01h43) Direção: Sébastien Marnier Com: Laurent Lafitte, Emmanuelle Bercot, Pascal Greggory

### **“Os Dois Filhos de Joseph”**

A conturbada relação entre pai e dois filhos é o tema central de “*Os Dois Filhos de Joseph*”, estreia na direção de longas do ator e roteirista Félix Moati (visto recentemente em “*Um Banho de Vida*”, 2018). E ele não poderia ter escolhido tema mais tortuoso.

Primeiro porque, olhando-se de perto (como diz a canção) ninguém é normal. E as personagens do filme extrapolam no direito à excentricidade. O pai, *Joseph* (Benoît Poelvoorde, também do elenco de “*Um Banho de Vida*”), não poderia ser mais incosequente e autocentrado. Os filhos não são exatamente seu foco na vida. A ponto de ele abandonar seu consultório médico para se dedicar à literatura – para a qual tem questionável talento –, e sequer comunicar aos filhos.

*Joachim* (Vincent Lacoste, de “*Primeiro Ano*”, 2018), o filho mais velho dos filhos, cursando Psiquiatria, não parece ter um rumo exato na vida, a não ser reclamar de tudo e de todos, numa revolta aparentemente sem motivo. Já *Ivan* (o estreante Mathieu Capella), o filho mais novo, que aos poucos vai percebendo os pés de barro de seus dois ídolos – o pai e o irmão –, em meio a uma crise com laivos místicos, começa a faltar à escola e se dedicar a “hábitos” pouco saudáveis, como a bebida e o fumo.

A melancólica relação entre o trio de protagonistas – todos muito bem em seus personagens pouco atraentes - é a base para esta amarga crônica familiar, que tenta encontrar certo humor em situação tão sem perspectivas. Repare que o clima todo do filme é bastante reforçado pela fotografia, quase toda noturna, como se quase não houvesse luz no horizonte do trio. Experimente.

**“Os Dois Filhos de Joseph”** (*Deux Fils* - 2019 – França – 01h30’) Direção: Félix Moati  
Com Vincent Lacoste, Benoît Poelvoorde, Mathieu Capella

### **“Quem Você Pensa Que Sou”**

Não se deixe enganar por uma primeira impressão. Em cinema, alguns filmes inclusive pedem uma segunda vista de olhos para sua completa apreciação. Não é o caso deste “*Quem Você Pensa Que Sou*”, mas passa perto.

Sim, porque até mais ou menos um terço do filme, tem-se a clara impressão de que se trata apenas de mais um (bom) trabalho sobre a condição feminina, o envelhecimento e o abandono, assim como o desejo sem controle. Tudo isso se deve ao desempenho – conforme já esperado – sensacional de Juliette Binoche, como *Claire*, um professora de literatura de 50 anos, divorciada, que acaba por se envolver num caso amoroso dos mais intrigantes.

Ela tem uma relação esporádica com *Ludo* (Guillaume Gouix) e, tentando saber mais de suas intenções, acaba por forjar um perfil falso no *Facebook* para se aproximar dele. Ela se apresenta como *Clara*, uma jovem de 24 anos, cuja foto ela escolhe aleatoriamente on-line. Ao invés de *Ludo*, Claire atrai seu amigo, o fotógrafo *Alex* (François Civil), com quem começa a desenvolver uma romance virtual, sem nunca se encontrarem.

A partir do segundo terço, o filme se desenvolve paralelamente entre o romance de *Claire* e *Alex*, e as visitas desta a uma psicóloga, a *Dra. Bormans* (Nicole Garcia), com quem discute esta relação. Estes verdadeiros embates que acontecem no consultório são alguns dos pontos altos do filme. Uma Juliette Binoche sem medo de se apresentar praticamente ao natural (sem maquiagem), frente a uma

inflexível Nicole Garcia – abusando da não interferência na relação médico x paciente -, já tornam o filme imperdível.

Além disso, as mudanças de direção do roteiro – de Safy Nebbou e Julie Peyr, a partir do romance de Camille Laurens – criam a falsa impressão de que o filme se estendeu por demais, sendo que, após cada reviravolta, o interesse se reacende. O espectador dificilmente vai perceber o que o atingiu. Não perca!

**“Quem Você Pensa Que Sou”** (*Celle que vous croyez* - 2019 – França/Bélgica – 01h41)  
Direção: Safy Nebbou Com: Juliette Binoche, François Civil, Nicole Garcia, Guillaume Gouix

### **“Um Homem Fiel”**

Em sua já extensa carreira, o ator Louis Garrel apresenta seu segundo longa-metragem como diretor, “*Um Homem Fiel*”, onde mais uma vez se envolve com os meandros do amor. O romance, em suas mais variadas conformações, é a mola mestra da carreira deste ator que já conta com mais de 40 créditos em sua carreira cinematográfica, além de quatro direções, entre curtas, média e longa-metragens.

Em “*Um Homem Fiel*”, além de dirigir, ele protagoniza como o jornalista *Abel* que, numa rotineira manhã tem sua vida completamente revirada quando sua namorada, *Marianne* (Laetitia Casta), lhe avisa que está grávida e que o filho não é seu, mas sim de seu melhor amigo, *Paul*.

Separaram-se e cada um segue com sua vida. Nove anos depois, *Abel* fica sabendo que *Paul* morreu e, ingenuamente, tenta se reaproximar de *Marianne*. Acrescente-se a esta equação mais duas variáveis – o filho de *Marianne* e *Paul*, *Joseph* (Joseph Engel), de nove anos de idade; e a irmã caçula de *Paul*, *Ève* (Lily-Rose Depp), agora uma jovem e bela mulher, que se revela desde sempre apaixonada por *Abel* -, e a existência do jornalista jamais será a mesma.

Num exercício de paciência e abnegação, *Abel* se torna sério candidato à canonização, sujeito às constantes inconstâncias das duas mulheres em sua vida: a

bem-sucedida promotora *Marianne*, que lhe confere aparente liberdade de escolha; e a inconsequente e autocentrada *Ève*, quase uma criança que, ao ganhar o tão cobiçado brinquedo, rapidamente enjoa dele e parte para outros focos de interesse.

Tudo isso sem falar na forte influência que o pequeno *Joseph* exerce sobre *Abel*, ambos carentes, cada qual à sua maneira: um quer um filho, o outro precisa de um pai.

Mesmo com a deslumbrante fotogenia das locações, o filme padece, em alguns momentos, de mais agilidade no ritmo da narrativa, sendo mesmo assim, é um interessante estudo sobre as relações humanas no microcosmo deste triângulo amoroso, de quatro lados. Confira.

**“Um Homem Fiel”** (*L'homme fidèle* - 2018 – França - 01h15') Direção: Louis Garrel Com: Laetitia Casta, Louis Garrel, Lily-Rose Depp, Joseph Engel

## 2015

- “Beije Uma Garota”** (*Toute première fois* – 2015)  
**“De Cabeça Erguida”** (*La tête haute* – 2015)  
**“Diário de Uma Camareira”** (*Journal d'une femme de chambre* – 2015)  
**“Gemma Boverly – A Vida Imita a Arte”** (*Gemma Boverly* – 2014)  
**“Hipócrates”** (*Hippocrate* – 2014)  
**“O Que As Mulheres Querem”** (*Sous les jupes des filles* – 2014)  
**“Que Mal eu Fiz a Deus?”** (*Qu'est-ce qu'on a fait au Bon Dieu?* – 2014)  
**“Samba”** (2014)

## 2016

- “A Corte”** (*L'hermine* - 2015)  
**“Agnus Dei”** (*Les innocentes* – 2016)  
**“Chocolate”** (*Chocolat* - 2015)  
**“A Viagem de Meu Pai”** (*Floride* – 2015)  
**“La Vanité”** (2015)  
**“Les Cowboys”** (2015)  
**“Lolo - O Filho da Minha Namorada”** (*Lolo* – 2015)  
**“Marguerite”** (2015)  
**“Meu Rei”** (*Mon Roi* – 2015)  
**“O Novato”** (*Le Nouveau* - França - 2015)  
**“Um Amor à Altura”** (*Un homme à la hauteur* – 2016)  
**“Viva a França!”** (*En mai, fais ce qu'il te plaît* – 2015)

## 2017

- “A Viagem de Fanny”** (*Le voyage de Fanny* – 2016)  
**“A Vida de Uma Mulher”** (*Une vie* – 2016)  
**“Coração e Alma”** (*Réparer les vivants* – 2016)  
**“Frantz”** (2016)  
**“Na Cama com Victoria”** (*Victoria* – 2016)  
**“Na Vertical”** (*Rester vertical* – 2016)  
**“O Filho Uruguaio”** (*Une vie ailleurs* – 2017)  
**“O Reencontro”** (*Sage femme* - 2017)  
**“Perdidos em Paris”** (*Paris pieds nus* – 2017)  
**“Rock'n Roll - Por Trás da Fama”** (*Rock'n Roll* – 2017)  
**“Rodin”** (2017)  
**“Tal Mãe, Tal Filha”** (*Telle mère, telle fille* - 2017)  
**“Tour de France”** (2016)  
**“Uma Família de Dois”** (*Demain tout commence* – 2016)  
**“Um Instante de Amor”** (*Mal de Pierres* – 2016)

**“Um Perfil para Dois”** (*Un profil pour deux* - 2017)

## **2018**

**“A Aparição”** (*L'apparition* - 2018)

**“A Excêntrica Família de Gaspard”** (*Gaspard va au mariage* - 2018)

**“A Noite Devorou o Mundo”** (*La nuit a dévoré le monde* - 2018)

**“A Raposa Má”** (*Le grand méchant renard et autres contes* - 2017)

**“Carnívoras”** (*Carnivores* - 2018)

**“50 São os Novos 30”** (*Marie Francine* - 2017)

**“Custódia”** (*Jusqu'à la garde* - 2017)

**“De Carona para o Amor”** (*Tout le monde debout* - 2018)

**“Gauguin – Viagem ao Taiti”** (*Gauguin – Voyage de Tahiti* - 2017)

**“Marvin”** (*Marvin ou La belle éducation* - 2017)

**“Nos Vemos no Paraíso”** (*Au revoir là-haut* - 2017)

**“O Amante Duplo”** (*L'Amant Double* - 2017)

**“O Orgulho”** (*Le Brio* - 2017)

**“O Poder de Diane”** (*Diane a les épaules* - 2017)

**“O Retorno do Herói”** (*Le retour du héros* - 2018)

**“O Último Suspiro”** (*Dans la brume* - 2018)

**“Primavera em Casablanca”** (*Razzia* - 2018)

**“Troca de Rainhas”** (*L'échange des princesses* - 2017)

## **2019**

**“Amor à Segunda Vista”** (*Mon inconnue* - 2019)

**“A Revolução em Paris”** (*Un peuple et son roi* - 2018)

**“Asterix e o Segredo da Poção Mágica”** (*Asterix: Le secret de la potion magique* - 2018)

**“Através do Fogo”** (*Sauver ou périr* - 2018)

**“Boas Intenções”** (*Les bonnes intentions* - 2018)

**“Cyrano Mon Amour”** (*Edmond* - 2019)

**“Finalmente Livres”** (*En liberté* - 2018)

**“Graças a Deus”** (*Grâce à Dieu* - 2019)

**“Inocência Roubada”** (*Les chatouilles* - 2018)

**“Meu Bebê”** (*Mon Bébé* - 2019)

**“O Mistério de Henri Pick”** (*Le mystère Henri Pick* - 2019)

**“O Professor Substituto”** (*L'heure de la sortie* - 2019)

**“Os Dois Filhos de Joseph”** (*Deux Fils* - 2019)

**“Quem Você Pensa Que Sou”** (*Celle que vous croyez* - 2019)

**“Um Homem Fiel”** (*L'homme fidèle* - 2018)

Para saber mais sobre o Festival Varilux de Cinema Francês acesse:

<http://variluxcinefrances.com/2020/>

<http://festivalvariluxemcasa.com.br/>

<https://www.aliancafrancesa.com.br/>